

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A  
POVOS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS (PPG-PCTs)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A POVOS E  
TERRITÓRIOS TRADICIONAIS (MESPT)**

**NILCA FERNANDES DOS SANTOS**

**Sabendo usar não vai Faltar: A Prática das Coletoras de  
sementes da Comunidade Vão do Moleque do Território  
Kalunga/GO**

**Brasília/DF**

**Novembro de 2023**

NILCA FERNANDES DOS SANTOS

**Sabendo usar não vai Faltar: A Prática das Coletoras de sementes da  
Comunidade Vão do Moleque do Território Kalunga/ GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

**Orientador:** Dr. Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos

Brasília/DF

Novembro de 2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

SANTOS, Nilca Fernandes dos. Sabendo usar não vai Faltar: A Prática das Coletoras de sementes da Comunidade Vão do Moleque do Território Kalunga/ GO
Área de Concentração: Sustentabilidade
Linha de Pesquisa: Sustentabilidade
Orientador (a): Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos

É concedida à Universidade de Brasília- UNB, a permissão para reprodução de cópias desta dissertação de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O (a) autor (a) reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do (a) autor (a).

Brasília/DF  
Novembro de 2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A**  
**POVOS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS (PPG-PCTs)**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A POVOS E**  
**TERRITÓRIOS TRADICIONAIS (MESPT)**

NILCA FERNANDES DOS SANTOS

SABENDO USAR NÃO VAI FALTAR: A PRÁTICA DAS COLETORAS DE  
SEMENTES DA COMUNIDADE VÃO DO MOLEQUE DO TERRITÓRIO  
KALUNGA/GO

Dissertação submetida a exame como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra no  
Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Território Tradicionais,  
Área de Concentração em Sustentabilidade.

Brasília – DF, 27 de novembro de 2023

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos  
(Presidente da Banca)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Stéphanie Caroline Nasuti  
(Examinadora Interna)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Leila de Castro Pereira  
Examinadora Externa

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Janaína Deane de Abreu Sá Diniz  
Examinadora Interna (Suplente)

## **Agradecimentos**

Agradecer as pessoas que estiveram presentes comigo durante o processo desta pesquisa e que contribuiriam direta ou indiretamente, para mim também é um exercício desafiador. Não há palavras que expressam a minha gratidão.

Mas, quero agradecer antes de tudo ao nosso Deus, pela vida, pela minha família, pelos amigos, professores, pelo trabalho, enfim, por ter permitido ao longo de tantos anos, apesar das idas e vindas, dos altos e baixos, dos sucessos e fracassos, pudesse me trazer até aqui e me fazer acreditar que a vida vale a pena viver. E que viver não é estar apenas na sociedade, mas atuar para que em alguma medida possamos interferir na mudança de uma realidade social

Depois, agradecer de forma muito especial aos meus pais Grumecil Fernandes Maia e Maria Moreira Rainha por me trazer ao mundo, pelas experiências e ensinamentos que tem me transmitido todos os dias. São vocês as pessoas com as quais aprendi o significado de viver e de lutar para sobreviver. As suas experiências ficarão para sempre na minha memória, com elas poderei mudar a minha e várias outras histórias.

Pai, mãe, saibam que a minha gratidão por vocês é profundamente infinita. Agradeço também por não ter me deixado perder nesta longa estrada da vida. Agradecendo os meus pais, agradeço também aos meus irmãos que de forma carinhosa também tem fortalecido as minhas energias de viver. O apoio de vocês foi preciso durante todo o meu caminhar.

Quero também agradecer com o mesmo respeito e carinho ao meu esposo Diomar Aparecido Vieira dos Santos e ao meu filho Kauan Fernandes dos Santos por tudo que vivemos juntos até aqui e não me abandonar em nada. O Apoio, a amizade, o carinho, a alegria, a força, a estima, a esperanças e muitas outras coisas boas que já dividimos me fazem chegar neste momento certa de que tudo valeu a pena. A minha gratidão a vocês é imensa!

Quero agradecer também carinhosamente e respeitosamente ao grande orientador Carlos Alexandre por ter sido ao longo do mestrado e da realização desta pesquisa meu sustentáculo. A minha gratidão é profunda a você por ter me acolhido e permitido tanto aprendizado.

Faço votos de agradecimentos também ao grupo de coletores de sementes da comunidade Vão do Moleque, em particular a todas as mulheres participantes desta pesquisa, as quais permitiram que eu pudesse aprender ainda mais com elas e trazer para este trabalho suas experiências de luta e de vida no seio da comunidade Vão do Moleque da relação com a coleta das sementes.

Enfim, agradeço a todos sem distinção ou discriminação, que de alguma forma veio a contribuir com esta pesquisa, permitindo dizer a partir da apresentação ser reconhecida como Mestra Kalunga.

Na certeza de que nos meus agradecimentos, pude de alguma forma reconhecer a importância de cada sujeito neste trabalho, encerro os votos aqui dados, deixando minha gratidão ao programa de Mestrado Profissional Junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT) que profundamente causou revolução nas práticas de políticas sustentáveis para com os nossos territórios. Aos meus colegas do MESPT, deixo meu abraço fraterno e admiração. Meus agradecimentos carinhosos e profundos a todos. Minha profunda e eterna gratidão!

## **Lista de tabelas**

Tabela nº 01	- Primeiro caso: grupo com período de produção semelhante ou igual	Pg. 53
Tabela nº 02	- Segundo caso: grupo de produção com períodos distintos	Pg. 53
Tabela nº 03	- Quadro de sementes da Comunidade Vão do Moleque catalogada pela Associação Cerrado de Pé	Pg. 55
Tabela nº 04	- Quadro de espécie, período produtivo e tempo de coleta das sementes	Pg. 67

## **Lista de figuras**

Figura nº 01	- Associação Cerrado de Pé	Pg. 42
Figura nº 02	- Rede de Sementes do Cerrado	Pg. 44

## **Mapas**

Mapa nº 01	- Bioma cerrado (na cor verde) no interior do território Kalunga	Pg. 30
Mapa nº 02	- Mapa de localização do Território Quilombola Kalunga	Pg. 33

## **Lista de siglas**

**LEdoC** - Licenciatura em Educação do Campo.

**UFG** - Universidade Federal de Goiás.

**AQK** - Associação Quilombo Kalunga.

**UNB** - Universidade de Brasília.

**CEQKI** - Colégio Estadual Quilombola Kalunga I.

**MESPT** - Mestrado Profissional Junto a Povos e Territórios Tradicionais.

## **Lista de fotografias**

Foto nº 01	- Ana Fernandes Maia	Pg. 26
Foto nº 02	- Elenita Fernandes Moreira	Pg. 27
Foto nº 03	- Faustina Marques	Pg. 27
Foto nº 04	- Maria Delice dos Santos Rosa	Pg. 28
Foto nº 05	- Raquel Santiago dos Santos	Pg. 28
Foto nº 06	- Cerca de Pedra, Comunidade Vão do Moleque	Pg. 35
Foto nº 07	- Capela Vão do Moleque (Romaria de São Gonçalo e Nossa senhora do Livramento)	Pg. 38
Foto nº 08	- Vista do pico do Morro do Moleque	Pg. 40
Foto nº 09	- Rio Corrente - Comunidade Vão do Moleque	Pg. 40
Foto nº 10	- Rio Prata	Pg. 41
Foto nº 11	- Reunião dos coletores com a Associação Cerrado de Pé, para a formação de uma nova diretoria, que ficou composta por vice-presidente e conselho com membros de coletores da comunidade Kalunga Vão do Moleque	Pg. 43
Foto nº 12	- Cajuzinho do cerrado	Pg. 49
Foto nº 13	- Pau santo	Pg. 50
Foto nº 14	- Semente de Tamboril do cerrado	Pg. 54
Foto nº 15	- Capim rabo de cavalo	Pg. 59
Foto nº 16	- Semente de Caroba do campo	Pg. 60
Foto nº 17	- Sementes de Chichá	Pg. 62
Foto nº 18	- Sementes de Ipê claíba	Pg. 63
Foto nº 19	- Galpão de armazenar as sementes na Associação Cerrado de Pé	Pg. 64
Foto nº 20	- Sacos de linhagem com sementes armazenadas	Pg. 65
Foto nº 21	- Acolhida das novas coletoras da comunidade Vão do Moleque, momento de aceitação das novas coletoras com boas vindas	Pg. 70
Foto nº 22	- Reunião para a entrega dos kits, materiais, livros, panfletos, balanças, camisetas e sacos para colocar as sementes beneficiadas para as novas coletoras da comunidade Vão do Moleque	Pg. 72

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
Autobiografia.....	13
A pesquisa e seus Objetivos.....	20
1 - Percurso Metodológico.....	21
2 - Pesquisa Qualitativa.....	23
3 - Pesquisa Bibliográfica.....	25
4 - Definição e Caracterização do Grupo Participante da Pesquisa.....	26
<b>Capítulo I: O Cerrado e o Território Kalunga</b> .....	30
1 - O cerrado Kalunga.....	30
2 - O território Kalunga e a Comunidade Vão do Moleque.....	33
3 - A Associação Cerrado de Pé e a Rede de Sementes do Cerrado.....	41
<b>Capítulo II: Da Produção à coleta e beneficiamento</b> .....	46
1 - Período Produtivo da Flora na Comunidade Vão do Moleque.....	46
2 - Variedade Produtiva do Cerrado na Comunidade Vão do Moleque.....	49
3 - Período de Coleta das Sementes.....	52
4 - Tipos de Coletas e Espécies Coletadas.....	54
5 - Coletagem e Beneficiamento.....	60
6 - Espécies.....	66
<b>Capítulo III: Coletar é viver, resistir para vencer</b> .....	69
1 - Coletores de Sementes na Comunidade Vão do Moleque.....	69
2 - Os Conhecimentos do Povo Kalunga Sobre o Uso Sustentável da Flora Local..	76
3 - A Luta do Povo Kalunga pela Preservação da História, Memória e Identidade a Partir dos Conhecimentos Tradicionais.....	80
<b>Considerações Finais</b> .....	83
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	86

## **RESUMO**

A Comunidade Quilombola Kalunga Vão do Moleque tem mais de 300 anos de lutas, resistência e tradições. Sua população vive basicamente da agricultura familiar, caça e pesca e do extrativismo vegetal. No entanto, nos últimos anos os moradores descobriram um novo meio de aumentar a renda familiar através da atividade extrativista da coleta de sementes de espécies do cerrado e posteriormente a sua venda. A coleta é feita principalmente pelas mulheres, elas colhem as sementes e vendem, com o lucro obtido garantem o sustento de seus grupos familiares. A Associação Cerrado de Pé (sediada em Alto Paraiso de Goiás/GO), parceira da comunidade, compra as sementes das coletoras e depois são plantadas em áreas degradadas do bioma cerrado e de outros biomas. Neste trabalho servimo-nos do método de observação direta dos fenômenos ou fatos que acontecem espontaneamente, como os vivenciados pelas mulheres nas coletagem de sementes da comunidade Vão do Moleque O nosso objetivo demonstrar todo o processo de utilização das sementes do cerrado e a visão das mulheres coletoras sobre seus trabalhos.

**Palavras chaves:** Território. Quilombola. Sementes. Coleta. Mulheres.

## **ABSTRACT**

The Kalunga Vão do Moleque Quilombola Community has more than 300 years of struggles, resistance and traditions. Its population lives basically from family farming, hunting and fishing and plant extraction. However, in recent years residents have discovered a new way to increase family income through the extractive activity of collecting seeds from cerrado species and subsequently selling them. The collection is mainly done by women, they collect the seeds and sell them, with the profit obtained they guarantee the sustenance of their family groups. The Associação Cerrado de Pé (based in Alto Paraiso de Goiás/GO), a community partner, buys the seeds from collectors and they are then planted in degraded areas of the cerrado biome and other biomes. In this work we use the method of direct observation of phenomena or facts that happen spontaneously, such as those experienced by women collecting seeds from the Vão do Moleque community. Our objective is to demonstrate the entire process of using cerrado seeds and the women's vision collectors about their work.

**Keywords:** Territory. Quilombola. Seeds. Collect. Women.

## **INTRODUÇÃO**

### **Autobiografia**

Sou Nilca Fernandes dos Santos, sou quilombola Kalunga, filha dos quilombolas Grumecil Fernandes Maia e Maria Moreira Rainha. Nasci e fui criada na comunidade Vão do Moleque, município de Cavalcante, estado de Goiás. A comunidade atualmente possui cerca de 400 famílias, um lugar maravilhoso, cercado de lindos morros, com uma diversidade incrível de animais e plantas.

A comunidade também é banhada por inúmeros córregos e quatro grandes rios. Esses rios são denominados Corrente, Curriola, Prata e Correntinho, possuem extensões que variam de 10 a 100 metros de larguras de águas puras e cristalinas. Em relação aos seus comprimentos não é possível dizer aqui com tamanha certeza, mas são mais de 50 quilômetros de extensão que somem das nossas vistas nas serras verdes, desde as suas nascentes até o desaguar no rio Paranã.

Os rios são recheados de pedras arredondadas e algumas outras pedras achatadas que chamamos de lapeiros. Quando estou tomado banho no rio parece que estou dentro de um espelho de tão límpida e brilhante são suas águas. Para além de suas belezas e suas riquezas naturais eles nos oferecem atrações, espaço de lazer fonte de sustentabilidade da comunidade através da pesca, lavagem de roupas, lavagem de vasilhas, entre outras. Todas estas atividades, do dia a dia da comunidade, são práticas que ainda hoje é possível vivenciar, mesmo depois da chegada da estrada de rodagem e a energia elétrica.

O peixe que vem dos rios, que recheia o prato dos moradores, faz com que a comida da comunidade fique ainda mais gostosa. Peixe frito, assado ou cozido, de sol ou fresco, junto ao arroz, frango caipira com pequi, feijão cozido em panela de barro! Hummm... nos trazem vida e emoção.

São tantas as riquezas que temos, que só quem vive ali pode de fato sentir. Os frutos do nosso cerrado, o baru, a cagaita, a mangaba, o buriti, o jatobá, a mamacadela, o cajuzinho, a murta, o araçá, a goiaba entre outras, são alguns exemplos de riquezas que ajudam em nossa soberania e segurança alimentar.

A noite de Lua cheia é perfeita para aproveitar com os amigos num papo de prosas com narrativas históricas tradicionais de histórias e estórias orais da comunidade. As noites de Lua nova são escuras, são ótimas para admirar as estrelas e ter uma maravilhosa noite de sono. São noites de caçada de animais (tatu, paca, veado campeiro etc.) que junto a tantos

outros modos de alimentação, complementam a mesa dos povos quilombolas na comunidade Vão do Moleque.

As noites escuras na comunidade apresentam um silêncio profundo da natureza, interrompidas apenas pelo cantar dos pássaros quando chega a aurora, ou pela voz das cachoeiras e correntezas dos rios que a banham.

O dia amanhece, ainda antes do sol raiar, é hora de levantar cedinho tomar um café quentinho e espantar o frio. É preciso despertar para em seguida começarmos a luta com as roças. Na roça, as tarefas são divididas, os maiores ajudam os pais na capina de enxada. No cisco e na cozinha, os menores ajudam as mães, pois são tarefas mais leves. Juntar e pegar o cisco, empurra ou atizar o fogo nas panelas que ferve a comida, vigiar as plantações, são tarefas que os menores muito ajudam na realização.

É nesse fazer diário, acompanhando os pais que os pequenos vão aprendendo, e construindo suas táticas de subsistência, tornando assim capazes de gestar seus negócios e gerenciar uma família mais cedo ou mais tarde.

Em casa todo filho pede a benção a seus pais e aos mais velhos da comunidade de perto e sem chapéu. Há uma crença na comunidade, que diz ser pecado e desrespeito aos líderes, pedir a benção de longe e com chapéu. Por isso, antes de dormir os filhos pedem a benção aos criadores para serem abençoados e poder descansar melhor a noite, poder sonhar e acordar com disposição para correr atrás dos seus sonhos.

Os momentos de festividades na comunidade, são momentos de alegria infinita! As folias, dos Santos Reis, do Divino Espírito Santo, Santo Antônio, São Sebastião, entre outras, as rezas de boca de noite, o levantamento dos mastros, as novenas de São Gonçalo, os batizados, a dança da Sussa, o banquete e o encerramento com o forró, transforma a tristeza em alegria, o medo em coragem, os sonhos em esperança, a fé em realização, transforma o todo em um só povo que busca a paz, a união e o direito de viver com dignidade. Esse partilhar de alegria envolve desde os mais jovens aos mais velhos da comunidade. É uma mistura de novo com velho, velho com novo, todo mundo dança.

A pesquisadora é parte destas vivências, compartilha alegrias e tristezas, saberes e fazeres, angústias e paixões que ajudam a comunidade a formar uma só teia de identificação. No entanto, quando morre alguém todos choram, é uma tristeza imensa que parece não ter fim. Nos velórios reúnem famílias, amigos, conhecidos, é tanta gente que parece festa. Como de costume, o velório dura uma noite e um dia, por isso, para alimentar os visitantes é preciso matar vacas para garantir que todos se alimentem, e no final, tudo fica bem porque somos um pelo outro, os sentimentos, as alegrias e tristezas são recíprocas.

Na comunidade, praticamente todos são parentes, quando mexe com um mexeu com todos, e é por isso que nas festas nos velórios e em todos os locais de convivência se encontra muita gente.

As riquezas que temos na natureza, o ouro, os cristais, a pedra ferro, o uranio, e o manganês, além é claro do que já falei antes, os mineradores estão fazendo de tudo para possuir nossos tesouros. As cachoeiras, como fonte de atração turística, também são alvos dos usurpadores!

Os turistas gostam, vem gente de vários lugares sujar as águas dos nossos rios. Com tantas maravilhas em minha comunidade, tive de abandoná-la e sair em busca de estudo aos quinze anos de idade, pois, ali, as escolas na época ofereciam apenas até a quarta série do ensino fundamental, a educação era precária. Assim, saí para dar continuidade aos meus estudos na cidade de Campos Belos/GO, lugar diferente, cidade cheia de coisas estranhas, e pessoas sem sentimentos, e muitos racistas.

Nessa cidade, enfrentei muitos desafios, principalmente o desafio de ser negra e vir de uma comunidade que naquela época poucos conheciam ou já tinham ouvido falar. Uma comunidade com um modo de vida ainda estranho para muita gente, um falar diferente dos demais, um andar, um vestir, e até no jeito de pensar. Isso assustava as pessoas por onde eu andava fazendo com que ocasionasse muito sofrimento em mim pelo modo como elas me olhavam e me tratavam com ar de rejeição. Chorei muitas vezes durante as noites quando colocava a cabeça sobre o travesseiro.

Meu mundo caiu, ali eu estava um peixe fora d'água. As belezas que antes eu via passou a ser meu pesadelo, não tinha mais alegria, minha ingenuidade foi quebrada! Eu era muito jovem e não entendia o motivo de tanto desprezo por uma pessoa que não tinha feito a meu ver, nada.

Eu não entendia por que existia gente desse jeito, racistas e preconceituosos. Na minha comunidade, tudo era diferente, não existia gente com esse sentimento de ódio. Na época fui aconselhada pelas colegas a ignorar o que diziam de mim e seguir minha vida. E segui, procurei entender o significado de racismo, e percebi que milhares de pessoas como eu sofria também a mesma coisa. Conheci e reconheci esse sentimento. Por anos convivendo com isso até que amadureci e entendi o quão desigual é a nossa sociedade. Hoje, posso dizer, que diferentemente de antes o racismo não me atinge mais como foi naquele tempo.

Mais tarde, nas transições da vida me mudei para Brasília em busca de melhoria das condições financeiras, assim como muitas outras mulheres da minha comunidade. Morando em Brasília também encontrei muitos desafios, primeiro porque sou mulher e

possuía um corpo de causar inveja, isso aguçava um desejo muito grande nos homens, despertavam neles a vontade de me possuir e abusar de minha inocência. Para minha sorte, ali eu era rodeada de muitas pessoas do bem que cuidavam de mim com bons olhos e me davam proteção, tinham um carinho especial por mim e me orientava sobre todas as questões.

Terminei o ensino médio na época em Brasília, em uma escola pública, situada no Plano Piloto, a escola chamada Gisno. Aos 24 anos de idade, após terminar o ensino médio me casei com um homem de fora de minha comunidade, oriundo de Minas Gerais, eu o conheci em Brasília, namoramos alguns anos e nos casamos. Vivi alguns anos de experiência na correria da cidade grande, mas sempre quis retornar a minha comunidade, reviver tudo aquilo que eu havia abandonado. Quando eu menos esperava surgiu uma oportunidade de trabalho numa escola que fica em minha comunidade de origem, não pensei duas vezes, retornamos eu e o meu marido para a comunidade Vão do Moleque. Logo depois de retornar, Deus me deu um presente, o mais esperado de todos, meu querido filho Kauan e assim permaneço na comunidade desde então.

Ao chegar na comunidade para trabalhar na escola, enfrentei também alguns desafios devido nunca ter trabalhado em sala de aula e não ter tido uma formação antes para que eu começasse a lecionar, tinha a experiência apenas de ter terminado o ensino médio. Mas confesso que essa foi uma das melhores coisas que já me aconteceram.

Normalmente, as escolas faziam o planejamento anual no início do ano, mas começando eu a lecionar no meio do ano de 2006 não pude participar. Quando retornei foi por uma carência de educadores que havia na comunidade então fui convidada, mas no ano seguinte, em 2007, houve um processo seletivo para educadores, o qual participei e fui classificada, e desde então tenho atuado nessa escola até hoje. Anos após anos, sempre passando por processo de seleção.

Alguns anos se passaram e eu atuando como educadora sem uma formação adequada, mas em 2009 prestei vestibular para o curso de Licenciatura da Educação do Campo da Universidade de Brasília - UnB e fui classificada para a segunda turma. Então, pude me habilitar em Linguagens.

Estar na licenciatura foi um outro desafio em minha vida, primeiro porque tinha acabado de ser mãe, que era o maior sonho da minha vida e meu filho era ainda muito pequeno para deixá-lo na comunidade já que tinha que me deslocar para Brasília para estudar por um longo período. Não podia abandonar o curso, mas também não podia deixar meu filho tanto tempo longe de mim. O acesso, a comunicação na minha comunidade era um

tanto ainda precários. Além disso, eu estava trabalhando na escola e o Estado não aceitava e não aceita o que eles denominam de substituição branca (pessoa que substitui um professor sem ter nenhum vínculo pedagógico com a rede estadual.), no entanto, a gestão escolar na época reconheceu a necessidade e a importância da formação permitindo uma negociação dentro da escola para que deixasse um substituto nas minhas ausências para que eu pudesse cursar a universidade.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso maravilhoso e contava com uma equipe de servidores de causar inveja nos demais cursos. Eu e meu filho, fomos acolhidos e recebemos apoio e cuidados ao longo de todo o curso. Na licenciatura aprendi muitas coisas, mas o que mais me marcou foi aprender sobre a minha própria realidade, podendo criticá-la e de alguma forma agir para transformá-la. Ali, pude entender e compreender que a educação não é para o mercado de trabalho, mas sim para a vida de cada indivíduo. Afirmo que o LEdoC transformou o meu ser e o meu viver, pois ressignificou a minha vida e as minhas ações.

Ao terminar a graduação no ano de 2013, na sequência fiz a especialização de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ofertada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), no período entre 2016 e 2018, a fim de aprimorar ainda mais os meus conhecimentos acerca da história e da cultura de meu povo e assim poder contribuir de forma significativa nas práticas de formação dos sujeitos da minha comunidade.

Posteriormente fiz outra especialização em Educação do Campo na área de linguagens: Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico, ofertada pela Universidade de Brasília - Campus de Planaltina - DF. Isso também com intuito de melhorar minha prática docente em sala de aula, uma vez que trabalho há quatorze anos no Colégio Estadual Quilombola Kalunga I (CEQKI) sede Maiadinha.

A minha atuação na escola se passou por duas vias, uma pela rede municipal, a qual iniciei minha experiência de docência e outra pela rede estadual. Atuei como professora da educação infantil, do ensino fundamental e médio, gosto muito de lecionar, dar aulas é minha paixão.

Na comunidade, além do trabalho que desenvolvo na educação junto a outros professores, também sou associada e membro da diretoria da Associação Quilombo Kalunga- AQK, fui presidenta interina dessa associação por alguns meses. Participar da associação Kalunga é um privilégio, e penso que todos da comunidade devem participar. Ajudar um membro da comunidade é muito gratificante, não tem preço. Durante todo esse tempo de participação na associação, eu percebi a necessidade de me aprofundar nas

questões ambientais no âmbito da sustentabilidade. Sobre a Sustentabilidade Valdir Fernandes da Cunha, quilombola Kalunga, (2018, p.74) destaca que,

A sustentabilidade existe quando nós interferimos numa tarefa eminentemente reservada à prática humana, ou seja, o desenvolvimento com a intervenção humana anda paralelamente numa condição sustentável, tanto na parte econômica e social como ambiental. A sustentabilidade sempre está ligada às condições econômicas, sociais e ambientais em determinado lugar, onde a relação entre a humanidade e a natureza seja amigável, valorizando e respeitando os recursos ambientais (CUNHA, 2018, p. 74; RUSCHEINSKY, 2004).

Podemos ainda entender a sustentabilidade como aborda o autor Kalunga e a partir da perspectiva do quilombo, principalmente porque faço parte dos processos sustentáveis, na qual a comunidade Vão do Moleque está inserida. Assim o autor afirma ainda que embora o conceito ser desconhecido para muitos da comunidade Kalunga, a sustentabilidade pode ser entendida e vivida na prática do dia a dia dos quilombolas, seja nas relações de cultivo, da cultura de festividades, das relações extrativistas, entre outras. Mas, para melhor entender o conceito de sustentabilidade, que nos filiamos, recorreremos ao quilombola Kalunga Valdir Fernandes da Cunha (2018) e Wilson (2012) trazendo que,

[...] os problemas decorrentes da ação do homem com a natureza surgem de modo insatisfatório. Wilson (2012) frisou isso, e aqui retomamos esta ideia de que as forças colossais do ambiente físico colidem com as resistentes forças da vida, o que equivale dizer que quando se perde a força da diversidade se perde parte da vida de uma comunidade. Fenômenos assim indicam que uma nova maratona está começando em um determinado lugar e que o mesmo poderá romper o crisol da evolução levando milhares de anos para a recuperação completa de cada espécie de vida extinta. (CUNHA, 2018, p. 43).

Assim, entender que a sustentabilidade passa pela fusão entre os elementos indissociáveis da natureza e com os demais seres que ela habita, é entender que essa é uma questão complexa. E que ela passa pelo equilíbrio das relações entre os seres humanos e todo o resto da natureza.

Como agricultora familiar que sou tenho uma paixão e uma preocupação com aproveitamento dos frutos do cerrado, da coleta de sementes, do cultivo das produções, e outros, assim como a Associação Cerrado de Pé. É uma associação sem fins lucrativos formada atualmente por 100 famílias, sendo 77% mulheres, de coletores de sementes nativas do cerrado das comunidades do entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.cerradodepe.org.br/>. Acessado em 27 set 2023.

Essa associação é sem dúvida nossa maior parceira, pois tem ajudado no fortalecimento dos sujeitos em seus territórios. A regularização fundiária do território Kalunga é um dos maiores e mais importantes marcos dessa trajetória que vivenciamos ao longo do trabalho que desenvolvemos junto a associação.

Mesmo tendo a graduação e duas especializações ainda sonhava em cursar um mestrado, a fim de me capacitar para aperfeiçoar os conhecimentos empíricos existentes dentro da comunidade, promovendo assim um melhor entendimento dos saberes e fazeres da minha comunidade e principalmente de minhas práticas que busco desenvolvê-las de forma sustentáveis.

O Mestrado não é mais um sonho, se tornou realidade. Consegui ser aprovada na seleção do Mestrado Profissional Junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT) em 2020. Com a formação do mestrado, vislumbro contribuir ainda mais com minha comunidade, tanto no âmbito escolar quanto no comunitário. O MESPT me ajudará a levar informações de conscientização ainda mais relevantes e precisas sobre sustentabilidade comunitária.

Quando penso em sustentabilidade comunitária a partir do programa de mestrado me recordo que a maioria dos moradores da comunidade Vão do Moleque hoje, participa de um projeto da rede sementes, são os coletores de sementes dessa comunidade, vinculados a Associação Cerrado de Pé (ACP). E é isso que venho pesquisando, ou seja, como se dá ou não as práticas de sustentabilidade através da coleta e quais impactos estão sendo positivos e negativos para a comunidade. A minha preocupação maior é com relação aos impactos ambientais e sociais com a catada desenfreada de sementes dentro da comunidade.

Enfim, a minha vida e a minha carreira de estudante e de profissional é uma teia de muitas idas e voltas com alguns nós que não desamarram. Mas estar no mestrado hoje, é me fazer acreditar em uma sociedade diferente, em um mundo mais justo e igual, onde o preconceito e a discriminação racial sofrida outrora por mim não tenham mais espaço para se vigorar.

Isso me faz acreditar que todo professor que atua em comunidades tradicionais é também capaz de fazer revolução por mais miúdas que sejam. O MESPT me trouxe não apenas um conhecimento profissional, mas para além do conhecimento de vida me trouxe chaves que eu possa abrir outras portas para nossa comunidade, e é isso que nos faz ser diferente e ajudar a fazer com que o mundo seja menos desigual nas suas diferenças.

## **A pesquisa e seus objetivos**

Feita a apresentação da pesquisadora, tratar-se-á neste momento dos objetivos desta pesquisa. Tendo em vista a relevância do tema que trata das práticas das coletoras de sementes do cerrado Kalunga da comunidade Vão do Moleque, meu objetivo maior é demonstrar a visão das mulheres sobre seus trabalhos como coletoras de semente e fazer um levantamento das sementes produzidas e utilizadas pela comunidade Vão do Moleque. Além disso, procuro apresentar quais destas sementes são vendidas pela comunidade para a Associação Cerrado de Pé e quais não são, mas que utilizamos na sustentabilidade local. Espero com esta pesquisa fortalecer as ações de conscientização sobre o uso sustentável do cerrado Kalunga, identificar as mudanças ocasionadas na vida dos coletores através das práticas de coleta e venda das sementes do cerrado da comunidade Vão do Moleque.

Desse modo, o trabalho aqui foi pensado e estruturado em quatro momentos. O primeiro momento é a apresentação da pesquisadora (autobiografia), a pesquisa e seus objetivos e o percurso metodológico. No segundo momento, no primeiro capítulo, apresentarei o cerrado, o território Kalunga e as relações que a Associação Cerrado de Pé e a Rede de Sementes do Cerrado tem com a comunidade Vão do Moleque. O terceiro momento, capítulo dois, tem como objetivo demonstrar a visão dos coletores de sementes sobre esse ofício e o conhecimento Kalunga sobre a flora local. E no último momento, capítulo três, apresentarei o período produtivo da flora na comunidade Vão do Moleque, a variedade produtiva do cerrado, a coleta e do beneficiamento, o período em que são coletadas as sementes e os tipos de coletas e espécies coletadas. Posteriormente, trarei as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

Quanto à linguagem do texto, foi feita em duas pessoas verbais, uma na primeira pessoa do singular e outra na primeira pessoa do plural, visto que a pesquisadora se apresenta implicada na pesquisa, portanto, ao mesmo tempo que ela é pesquisadora é também sujeito coletivo da comunidade do grupo coletores de sementes do cerrado Kalunga.

Para tanto, cabe aqui ressaltar, que o processo de investigar a minha realidade com um olhar de pesquisadora foi um dos grandes desafios enfrentados, por isso, é importante reafirmar que este trabalho tanto apresenta um potencial para mudar a realidade social da comunidade quanto a minha realidade pessoal. Podendo eu refletir e agir de forma diferente enquanto mulher negra pertencente a uma comunidade quilombola.

## **1 - Percurso Metodológico**

A abordagem qualitativa abrange todos os contextos deste estudo, pois ela possibilita a interpretação da totalidade de processos vivenciados pelo pesquisador no decorrer da sua investigação. Registre-se ser a pesquisadora, parte deste processo de pesquisa, na condição de membro da comunidade e fazer parte do processo extrativista de coleta de sementes. Sendo a pesquisadora parte do pesquisado, esteve presente nos momentos de coleta e apuração das sementes, o que foi fundamental ao aprofundamento de conhecimentos acerca do objeto de estudo, sobretudo pela riqueza dos detalhes percebidos através da observação e registro em diário de campo, da coleta de sementes da comunidade Vão do Moleque.

Neste trabalho servimo-nos da técnica de observação de fenômenos ou fatos que acontecem espontaneamente, como os vivenciados nas coletas de sementes da comunidade Vão do Moleque. Essa técnica, como parte do processo qualitativo da pesquisa, consiste, em geral, no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. De acordo com Lakatos,

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver ou ouvir. (...) a observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, que orientam seu comportamento. (MARCONI, LAKATOS, 2005, p. 193)

Embasadas na história oral, também utilizada como procedimento na coleta de dados por meio da metodologia qualitativa, foram realizadas ainda a roda de conversa com as cinco coletoras selecionadas da comunidade por meio de um roteiro com questões semiestruturadas.

Sobre a os procedimentos da roda de conversa Cunha (2018, p. 92) vai dizer que a roda de conversa é possível de iniciar a princípio com a apresentação do pesquisador seguida da apresentação da pesquisa e os seus objetivos. Posteriormente a apresentação do grupo participante que no nosso caso aqui foram as mulheres coletoras da comunidade Vão do Moleque. Ainda de acordo com o autor, ele afirma que

A partir daí foi aberto o diálogo, sem nenhuma interrogação direta do papel, e sim, iniciando os pontos de discussão com o simples jeito de falar da nossa comunidade sobre os determinados assuntos. Os roteiros foram utilizados no início e no direcionamento da conversa. Destaca-se que as falas da comunidade trouxeram muito mais elementos a serem pesquisados, além dos propostos no roteiro de apoio (CUNHA, 2018, p. 92).]

Assim, é possível entender que o diálogo realizado com as colaboradoras num momento de troca de saberes, se deu pela dinâmica de poder ir além do que propunha as questões de instigação. Permitindo que cada colaboradora se sentisse parte do processo e capazes de direcionar os resultados da pesquisa. Já na perspectiva da roda de conversa, é de se pensar um diálogo explorado pela prática da memória e história oral no processo metodológico de princípio colaborativos. Sobre a história oral, Delgado (2006, p. 15/16) explica que a mesma,

Trata de um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas. [...] Não é, portanto, um compartimento da História vivida, mas o registro de depoimentos sobre a História vivida. [...] É um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. [...] Trata se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades.

Os sujeitos entrevistados são parte do processo deste trabalho, eles vivenciam diretamente o impacto ambiental causado pela coleta das sementes, sendo ele positivo, ou negativo para a natureza e para a população que dela tira seu sustento.

A exposição dos fatos contribuirá significativamente para as reflexões acerca das transformações que a comunidade vem sofrendo nos últimos anos. A pesquisa com história oral está integrada a um método privilegiado de entrevistas e depoimentos com pessoas que vivenciam os acontecimentos dentro ou fora do coletivo.

Para dar conta do que se propõe esta investigação, utilizamos também a pesquisa bibliográfica, que nos permitiu sistematizar as informações sobre impactos ambientais na realidade dos coletores de sementes da comunidade Vão do Moleque. Nos esforçamos em dialogar a partir dos conhecimentos compartilhados por comunidades tradicionais na sua dimensão sociocultural. Assim, autores como Baiocchi (1999) e Adão Fernandes da Cunha (Quilombola Kalunga) (2015) trazendo a proposta do calendário agrícola a partir das práticas e manejo da mandioca e Valdir Fernandes da Cunha (Quilombola Kalunga) (2018) trazendo um diálogo sobre a soberania e segurança alimenta da comunidade Vão de Almas, Silva (2012) tratando das questões da Educação do Campo como processo de luta política, Nascimento (2017) tratando da memória, história e processos de resistência em comunidades quilombolas, entre outros foram luz em nossa caminhada investigativa.

## 2 - Pesquisa Qualitativa

Nesta sessão, discorreremos sobre as estratégias da nossa caminhada investigativa com o uso da pesquisa qualitativa que se dá no chão de uma comunidade quilombola. Para coleta de informações com a maior aproximação da realidade foi necessário, nesse fazer pesquisa, o levantamento prévio e a seleção das informações a serem coletadas. Nesse sentido, questionar o que, com quem, onde, para que e para quem estamos pesquisando me moveu para a direção qualitativa desta caminhada. Como afirmado por Silva (2012, p. 93) citando Moroz (2006, p. 23-24),

em outras palavras, a coleta das informações não se faz ao acaso, mas visa atingir os propósitos específicos da investigação, ou seja, ela ocorre em função da obtenção de resposta ao questionamento. Da mesma forma o problema dirige o planejamento da pesquisa, a análise dos dados e a interpretação dos resultados.

A pesquisa qualitativa, nesse sentido, será de forma mais planejada e organizada na obtenção das respostas com as colaboradoras tendo as questões de incentivo ao diálogo como suporte no direcionamento do que se pretende obter como resultados. Mas, a esse tipo de pesquisa, segundo Silva (2012, p. 94),

utilizada por pesquisadores (as) com focos diferentes. Assim, a pesquisa qualitativa vem, ao mesmo tempo, responder questões que envolvem não apenas os dados em si, mas o contexto e os significados em que os dados estão situados, ou seja, aproxima o pesquisador(a) não de um objeto, mas do contexto da sua pesquisa.

Entretanto, a investigação qualitativa incide na reinvenção de uma nova caminhada de explicação de uma determinada realidade investigada. Essa caminhada, sempre guiada pelo aspecto de conhecer aquela ou essa realidade e explorá-la para que assim se possa pensar em políticas e ações que dialogue de forma mais efetiva na transformação social.

No entanto, a nossa fundamentação sobre a abordagem qualitativa também se vincula no trabalho de Bortoni-Ricardo (2008) trazendo para além do conceito qualitativo, o de etnografia. Nos embasamos ainda em Gil (2010) que na mesma linha de Bortoni-Ricardo vai dizer que a pesquisa etnográfica tem origem na antropologia e vem sendo utilizada como método e elemento para descrever a realidade de um povo, baseada na sua tradição cultural e sua diversidade. A descrição se dá mediante a observação do pesquisador, levantamento de informações, nas suas vivências em campo e na realização das entrevistas.

Os autores acima defendem-na ainda como estudo das pessoas em seus ambientes originalmente naturais. Com base nisso é que as entrevistas, anotações, observação e

vivência na comunidade pesquisada com registro de diário de campo são importantes técnicas utilizadas na pesquisa qualitativa para garantirmos os objetivos da pesquisa. Com essas técnicas, recurso tecnológico, como celular e gravador de voz, foram essenciais na garantia do registro e revisitação por parte da pesquisadora dos dados coletados. Ainda com relação a pesquisa qualitativa, Bortoni-Ricardo (2008, p. 54) afirma que,

Para a realização deste estudo, optamos pela pesquisa qualitativa pelo fato de ela buscar desvelar o que ocasionou os problemas detectados, quais fatores estão diretamente ou indiretamente ligados a esses problemas, quais as relações e interesses estão envolvidos e como a comunidade e a sociedade se comportam diante de tais problemas. A pesquisa qualitativa é uma investigação do problema que se inicia com questões explorando a comunidade ou objeto de estudo sobre temas que podem constituir problemas de pesquisa. Ela pode ser entendida inicialmente como “definição do problema de pesquisa: perguntas exploratórias, depois postulação dos objetivos: geral e específico”. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 54).

Com isso, fica evidente porque optamos pela abordagem qualitativa nesta pesquisa que trata sobre as práticas de coleta de sementes na comunidade Vão de Almas. Para Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa inicia com um indivíduo com grupo de indivíduos através de uma interação com os participantes da pesquisa. Também com observação do contexto, interpretação dele e da conclusão da interpretação dos dados apurados por meio do processo investigativo. Isso leva em consideração a utilização de recursos próprios conforme a metodologia escolhida para a pesquisa de inserção no campo da pesquisa. No caso deste trabalho, a pesquisa qualitativa e etnográfica.

Creswell (2010), diz que a observação, como procedente do método qualitativo, mostra diversas perspectivas que variam o pensamento de justiça social como postura ideológica e filosófica sistematizadas. Isso nos direcionam para a forma como os coletores têm pensado, se organizado e sistematizado suas técnicas de coletas para a garantia de uma sustentabilidade. Como pesquisadora de cunho qualitativo que me tornei desde o princípio da minha formação no curso de graduação, partiremos da geração de dados no campo e no local onde os colaboradores de sementes, sujeitos desta pesquisa vivenciam os impactos das suas ações de coleta que é a questão ou problema em estudo.

Por fim, recorreremos ao diálogo direto com os sujeitos da pesquisa e a observação do comportamento e ação deles no campo de coletas. Assim, pesquisa qualitativa como já definida por Creswell (2010), é uma ação que permite aos pesquisadores interpretarem o que observam, ouvem e entendem sobre um problema investigado seja ele distante ou diretamente ligado à origem, história e o contexto da comunidade pesquisada. No caso nosso

aqui, essa ação dos coletores está profundamente impactada sobre a própria vida dos coletores e dos demais sujeitos que fazem parte da comunidade Vão do Moleque.

Para os autores aqui mencionados e outros que trabalham na perspectiva da abordagem qualitativa, a etnografia se faz presente no contexto da concepção naturalista como o método de pesquisa social por eficiência. É, portanto, o único método que considera que qualquer descrição do comportamento humano, na sua realidade, requer a compreensão dos significados locais para descrevê-lo.

Este pressuposto metodológico, que se alinha a concepções interpretativas da realidade investigada, pressupõe que a realidade seja interpretada e construída a partir de uma visão socialista, expressando-se nas práticas, nos saberes e fazeres, nos discursos e nas instituições criadas. No caso da comunidade Vão do Moleque, esse alinhamento também se dá no contexto da instituição na pessoa da Associação Cerrado de Pé (ACP).

Assim sendo, a abordagem qualitativa demanda, no processo da investigação, a compreensão da cultura que nós pesquisadores estamos estudando, seja no âmbito de uma realidade de cultura já conhecida ou alheia ao pesquisador. Isso, não permite que enquanto pesquisadores, repetimos padrões de pesquisa como muito acontece na pesquisa quantitativa.

### **3 - Pesquisa Bibliográfica**

Para compreendermos a pesquisa bibliográfica a partir do que nos aponta alguns teóricos vamos ver o que nos diz Severino. Para este autor, “*a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos teses etc.*” (SEVERINO, 2007, p. 123). Para este trabalho, foi necessário então bibliograficamente trazer autores que discutem sobre a proposta da pesquisa que se trata da prática de coleta de sementes na comunidade Vão do Moleque e os impactos decorrentes dessa ação.

O autor supracitado afirma ainda que “*o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos*”. (idem). Neste sentido, esse tipo de pesquisa é realizado pela leitura interpretativa e sistematizada pelo pesquisador dos artigos, capítulos de livros, monografias, teses, dissertações etc. já anteriormente descritos e disponibilizados por outros autores. Sendo assim, aqui recorreremos a este tipo de abordagem também, para ajudar no sustento da nossa tese sobre a coleta de sementes e os impactos trazidos para a população e para o meio ambiente em função disto.

#### **4 - Definição e caracterização do grupo participante da pesquisa.**

A pesquisa contou com um grupo de coletoras de sementes do cerrado Kalunga da comunidade Vão do Moleque formado por 5 mulheres com idade entre 20 anos e 60 anos de idade. Essas mulheres fazem parte de um grupo maior vinculado à Associação Cerrado de Pé que desenvolve um trabalho junto comunidade pesquisada. As mulheres foram escolhidas por serem filhas da comunidade, mães, raizeiras, parteiras, coletoras, agricultoras e cultivadoras de experiências com o uso da biodiversidade do nosso cerrado. A seguir, conheceremos de forma mais detalhada cada uma delas.

**Ana Fernandes Maia:** Tem 51 anos de idade. Mulher, casada, nasceu e foi criada na comunidade Vão do Moleque, onde reside até hoje, é mãe de três filhos de 26, 28, e 30 anos de idade e avó de 1 netinha de 2 aninhos. Ana estudou pouquíssimo, mal consegue assinar seu próprio nome, não terminou o primeiro ano do ensino fundamental. Ao longo da sua vida sempre trabalhou como lavradora, profissão herdada dos seus pais.



Foto nº 01 - Ana Fernandes Maia

**Elenita Fernandes Moreira:** Possui 39 anos de idade. Mulher, casada, nascida e criada na comunidade vão do Moleque, na qual ainda mora. É mãe de três meninas de 09, 16 e 23 anos de idade e avó de 1 netinha de 3 aninhos de idade. Elenita é agricultora, mas trabalha como professora pela rede municipal de educação de Cavalcante-Go no ensino fundamental I. É professora de contrato temporário, na escola Kalunga I Maiadinha da comunidade vão do Moleque. Ela é uma das coletoras que ajudam outras coletoras com

necessidade de leitura e escrita, na pesagem e anotações nas sacas com identificação dos nomes das espécies das sementes, data da coleta e quantidade coletada.



Foto nº 02 - Elenita Fernandes Moreira

**Faustina Marques: Tem 53 anos de idade.** Mulher, possui união estável, nascida e criada na comunidade Vão do Moleque na qual mora até hoje. É mãe de 2 filhos de 27 e 32 anos, e avó de 7 netos entre 2 e 16 anos de idade. Faustina é lavradora, e vive basicamente da agricultura de subsistência do que planta e colhe na roça e em sua pequena horta ela não teve a oportunidade de estudar.



Foto nº 03 - Faustina Marques

**Maria Delice dos Santos Rosa:** Tem 46 anos de idade. Mulher, casada, nascida e criada na comunidade Vão do Moleque, na qual reside até os dias atuais. É mãe de dois filhos 26 e 27 anos, avó de duas netinhas de 2 e 11 anos, é agricultora e efetiva como merendeira da escola Kalunga I Maiadinha pela prefeitura de Cavalcante/GO na comunidade Vão do Moleque. Estudou até concluir o básico.



Foto 04 - Maria Delice dos Santos Rosa

**Raquel Santiago dos Santos:** Possui 25 anos de idade. Mulher, solteira, agricultora, nasceu e foi criada na comunidade Vão do Moleque na qual mora. Mãe de duas meninas, uma de 10 anos e outra de 2 anos de idade. Raquel não tem trabalho remunerado, mas faz serviços de diárias na própria comunidade. Terminou o ensino médio.



Foto nº 05 - Raquel Santiago dos Santos

A escolha só de mulheres para fazer parte desta pesquisa está alicerçada na proposição da pesquisa, em dar destaque ao trabalho que as mulheres camponesas desenvolvem em suas comunidades e ao seu papel social em seus territórios para além de donas de casa. O espaço de coleta de sementes afirma a importância do papel das mulheres na agricultura e no manejo sustentável da coleta de sementes, além de vários outros papéis sociais que desenvolvem no seio da comunidade Vão do Moleque. Firma-se neste sentido, e no espaço deste trabalho, o compromisso de garantir a voz das mulheres pesquisadas do Território Kalunga do Vão do Moleque.

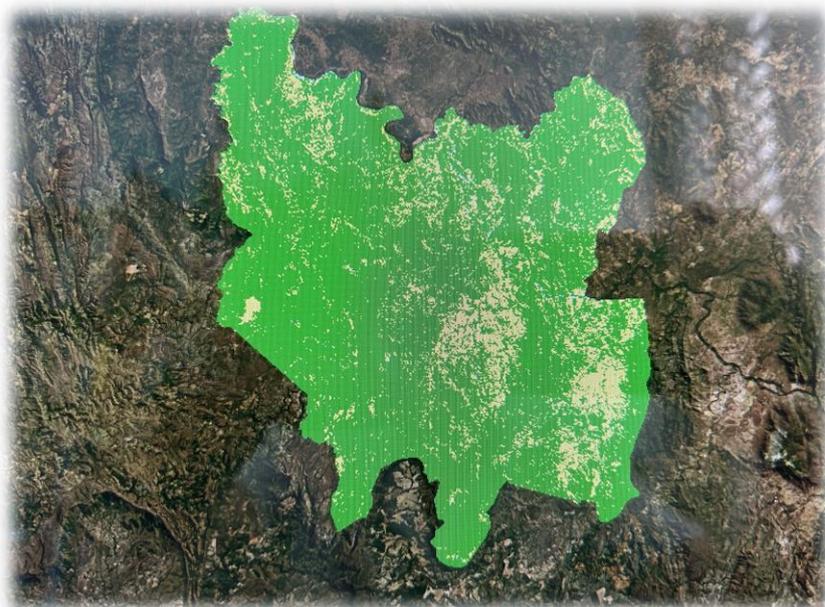
# CAPÍTULO I

## O CERRADO E O TERRITÓRIO KALUNGA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o cerrado, o território Kalunga e as relações que a Associação Cerrado de Pé e a Rede de Sementes do Cerrado tem com a comunidade Vão do Moleque.

### 1 – O Cerrado Kalunga

De acordo com o Instituto Brasileiro de Florestas, o cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, ocupa uma área de 2.036.448. Este bioma abrange os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além de partes do Amapá, Roraima e Amazonas. É no cerrado que estão as três maiores bacias hidrográficas da América do Sul - Tocantins-Araguaia, São Francisco e Prata. Esse bioma é caracterizado por amplas formações savânicas, possuindo matas ciliares ao longo dos rios e nos fundos de vale. Suas árvores possuem troncos tortos que são cobertos por cortiça<sup>2</sup>.



Mapa n° 01 - Bioma cerrado (na cor verde) no interior do território Kalunga<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Fonte: [https://www.ibflorestas.org.br/bioma-cerrado?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=google-ads&keyword=caracter%C3%ADsticas%20do%20bioma%20cerrado&creative=465940054245&gad=1&gclid=Cj0KCQjw7JOpBhCfARIsAL3bobcxQUmNOn8keCo1fA7d3Nxcju6HFRKdaZYtAEKVnkKuga6NCjXf fHMaAmLQEALw\\_wcB](https://www.ibflorestas.org.br/bioma-cerrado?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=google-ads&keyword=caracter%C3%ADsticas%20do%20bioma%20cerrado&creative=465940054245&gad=1&gclid=Cj0KCQjw7JOpBhCfARIsAL3bobcxQUmNOn8keCo1fA7d3Nxcju6HFRKdaZYtAEKVnkKuga6NCjXf fHMaAmLQEALw_wcB). Acessado em 10 out 2023.

<sup>3</sup> Fonte: Plataforma MapBiomas. <https://brasil.mapbiomas.org/>. Acessado em 10 out 2023.

Segundo MapBiomias<sup>4</sup>, o Brasil possui 48% do bioma Cerrado ainda nativo e o estado de Goiás tem 30%, o território Kalunga mantém 83% da área com a vegetação intocada. O território Kalunga tem 16% sendo usado para atividades humanas, constituindo 12% para pastagens e 4% para outras atividades, como roças. Em 1985, somente 10% do território era utilizado para aquelas atividades e 90% era somente de cerrado. Nesse sentido, a liderança quilombola Givânia Silva, coordenadora executiva da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (Conaq), afirma que os quilombolas preservam o meio em que vivem. *“Defendendo nossas terras estamos defendendo os biomas, os rios, estamos produzindo alimentos sem agrotóxico. Cada quilombo titulado é um rio preservado que não serve só para quem vive na zona rural, mas para todo mundo”*<sup>5</sup>. Para Isabel Figueiredo, do Programa de Cerrado e Caatinga do Instituto Sociedade, de População e Natureza (ISPN),

O Cerrado vivo e em pé é uma condição necessária para a economia do povo Kalunga. (...) Eles utilizam o Cerrado em pé e a vegetação nativa conservada para extrair remédios diversos, alimentos, madeira e fibras. São produtos que fazem parte da economia dessas comunidades e, portanto, é interessante para eles manter o Cerrado em pé.<sup>6</sup>

A preservação do cerrado no território Kalunga é também explicada pela regularização fundiária que vem sendo realizada nos últimos anos que tem início no ano de 1991, por meio da Lei Estadual/GO nº 11.409 que reconheceu a comunidade como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural. Em 2004, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) iniciou o processo de titulação das terras. Mais recentemente, em fevereiro de 2021, o Território Kalunga

foi o primeiro do Brasil a ser reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Indígenas e Locais (TICCA). O título global é concedido às comunidades que “têm profunda conexão com o lugar que

---

<sup>4</sup> O MapBiomias é uma iniciativa do SEEG/OC (Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa do Observatório do Clima) e é produzido por uma rede colaborativa de co-criadores formado por ONGs, universidades e empresas de tecnologia organizados por biomas e temas transversais. Fonte: <https://brasil.mapbiomas.org/quem-somos/>. Acessado em 10 out 2023.

<sup>5</sup> <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/11/20/orcamento-para-regularizacao-de-terras-quilombolas-diminui-90percent-em-10-anos.ghtml>. Acesso em 17 fev. 2022.

<sup>6</sup> Exemplo de preservação, Quilombo Kalunga mantém nativos 83% do Cerrado. Modo de vida do povo da região explica elevada proteção ao bioma. Reportagem de Lucas Pordeus León, da Agência Brasil, de 15/09/2023.

Site: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zToD3R4bvkJ:https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/exemplo-de-preservacao-quilombo-kalunga-mantem-83-do-cerrado-nativo&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

habitam, processos internos de gestão e governança e resultados positivos na conservação da natureza.<sup>7</sup>

Para que o território Kalunga continue a preservar o cerrado e ainda manter atividades econômicas que não prejudiquem esse bioma foi que surgiu a ideia do extrativismo vegetal, por meio da coleta de sementes. Hoje, essa atividade tem aumentado fazendo com que várias famílias trabalhem esperando com isso aumentar a renda familiar. A coleta é feita por toda a família, mas geralmente é a mulher a grande responsável por tal atividade.

O extrativismo praticado de forma sustentável é importante, pois gera renda para a comunidade e, ao mesmo tempo, contribui para a conservação do cerrado, protegendo sua diversidade de plantas e animais, as nascentes, cursos d'água e a riqueza cultural dos Kalungueiros<sup>8</sup>. No início, quando os coletores começaram a coleta das sementes em 2017, a coleta era feita de forma desorganizada, os coletores não tinham cuidado com o meio ambiente, muitas vezes em um único pé de árvore a coleta era feita várias vezes, ou em uma única coleta, as sementes eram todas retiradas sem deixar os 30% necessários em cada árvore.

Os coletores não tinham consciência do prejuízo causado ao meio ambiente, nem do desequilíbrio que trazia para a cadeia alimentar bem como para a teia reprodutiva, pois, estavam recolhendo das árvores todas as sementes para vender e os animais ficando com fome. Isso gerou uma grande preocupação na comunidade, pois os animais domésticos também comiam as frutas e sementes, principalmente no período da seca onde as pastagens ficam escassas.

Com o extrativismo das sementes fui pensando também em suas problemáticas: Quais os impactos ambientais os coletores de sementes estão causando no meio ambiente? Por que a coleta está sendo feita de forma indiscriminada? As pessoas estão somente pensando na venda das sementes? Quem está orientando esse grupo de coletores? O que é feito das sementes coletadas? Quem participa desse trabalho? Quais os pontos positivos e pontos negativos para a comunidade em relação a retirada das sementes do meio ambiente Kalunga? Essas indagações serão analisadas nas próximas páginas.

---

<sup>7</sup> Exemplo de preservação, Quilombo Kalunga mantém nativos 83% do Cerrado. Modo de vida do povo da região explica elevada proteção ao bioma. Reportagem de Lucas Pordeus León, da Agência Brasil, de 15/09/2023.

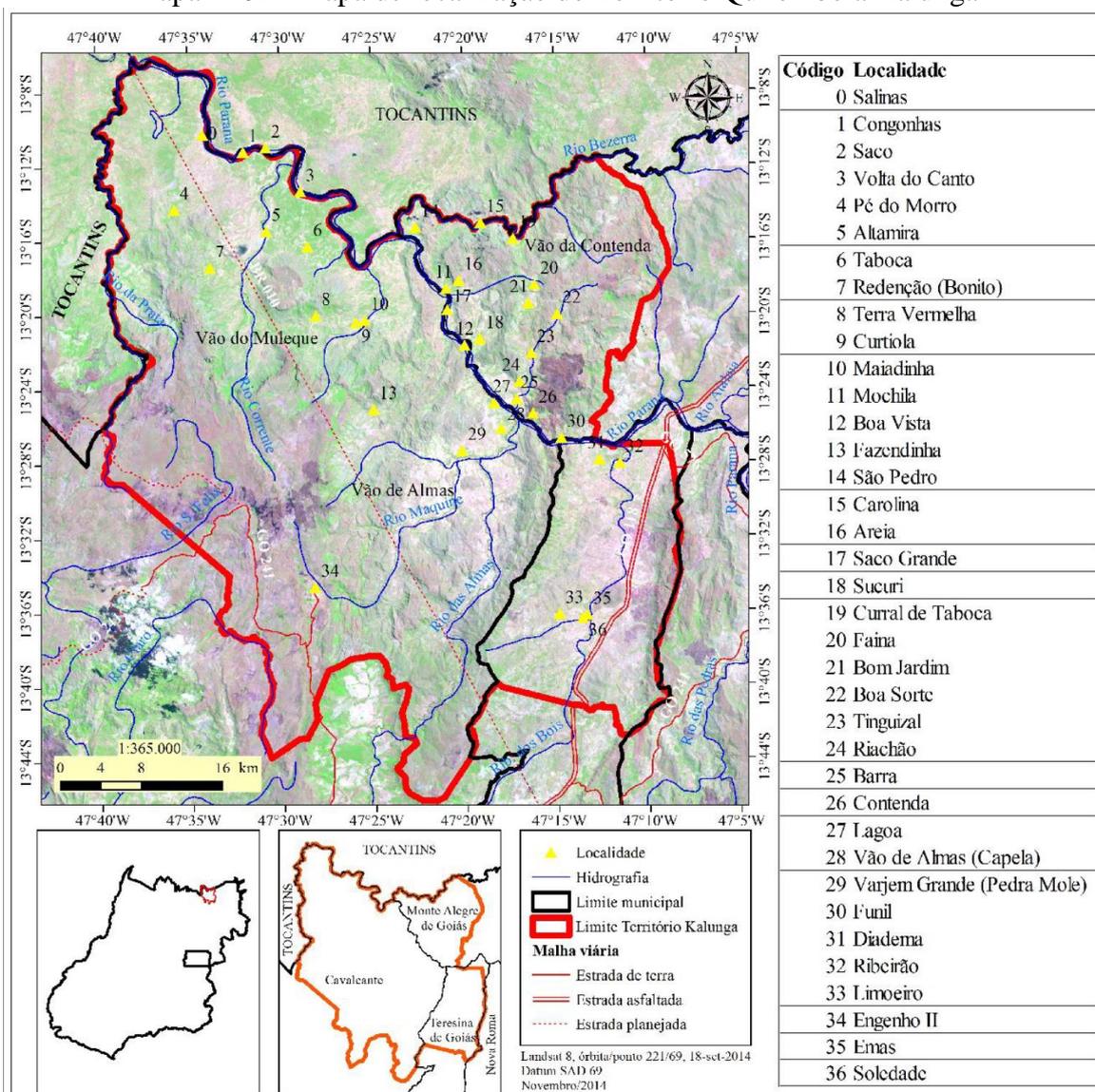
Site: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zToD3R4bvkJ:https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/exemplo-de-preservacao-quilombo-kalunga-mantem-83-do-cerrado-nativo&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

<sup>8</sup> O termo Kalungueiro designa todo aquele indivíduo que nasceu e mora no território Kalunga.

## 2 - O Território Kalunga e a Comunidade Vão do Moleque

O território Kalunga, onde está situada a comunidade Vão do Moleque, se localiza entre os municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, do estado de Goiás. Os Kalungueiros ocupam uma área de 262.191,72 hectares, dos quais apenas 34 mil estão titulados definitivamente. Essas informações podem ser verificadas no mapa a seguir, que registra de modo geral o território e os povoados do Sítio Histórico e Cultural dos remanescentes do Quilombo Kalunga/GO.

Mapa nº 02 - Mapa de localização do Território Quilombola Kalunga<sup>9</sup>



<sup>9</sup> Fonte: <http://www.dsr.inpe.br/sbsr2015/files/p1489.pdf>. Não existe atualmente um mapa atualizado com os 58 povoados do território Kalunga. O mapa em tela só apresenta 36 povoados. Acessado em 27 set 2023.

Infelizmente não existe um mapa atual do território Kalunga com os seus 58 povoados por isso irei listar esses povoados por município. No município de Terezina de Goiás: Limoeiro, Ema, Diadema, Ribeirão, Sussuarana, Calda e Funil. No município de Monte Alegre: Ursa, Faina, Boa Sorte, Bom Jardim, Tinguizal, Riachão, Barra, Contendas, Curral da Taboca, Carolinda, São Pedro, Areia e Sucuri. E no município de Cavalcante: Engenho II, Vão do Moleque (Panela, Gameleira, Barra, Bonito, Altamira, Volta do Canto, Taboca, Currióla, Maiadinha, Buritizinho, Prata, Barra do Prata, Fazendinha, Congonhas, Salinas, Pé do Morro, Capela, Boa Sorte, Vaquejador, Redenção e Val), Vão de Almas (Vargem Grande, Lagoa, Coco, Terra Vermelha, Boa Vista, Forno, Choco, Buriti, Mato Grosso, Mochila, Raizama, Gameleira, Parida, Pedra Preta, Capivara e Bucaina).

A comunidade Kalunga Vão do Moleque, localizada a 130 quilômetros da sede no município de Cavalcante/GO, surgiu no final do século XVIII, por volta de 1740, quando ex-escravizados fugiram das decadentes minas de ouro do município de Cavalcante. Esses ex-escravizados se refugiaram nos vãos, lugares montanhosos de difícil acesso, dando origem à hoje conhecida Comunidade Vão do Moleque (SANTOS, 2014). O nome Kalunga possui muitos significados. Para os Kalungueiros é um lugar sagrado, um Deus africano, um rio ou uma planta usada como erva medicamentosa que serve para febre, mal digestão, diarreia e é vermífugo.

Portanto, para nós do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural, o termo Kalunga é repleto de vários significados, é na resistência em que encontramos de uma perspectiva mais sólida o verdadeiro sentido da palavra. Kalunga para nós quer dizer resistência, fortaleza, por levar e ligar a nossa fé ao sagrado.

A comunidade Kalunga Vão do Moleque é subdividida em 21 povoados, como visto acima. Esses povoados, por causa das relações de parentesco e compadrio, compõem a identidade da comunidade Kalunga Vão do Moleque, fortalecendo nossos modos de vida e nossas tradições.

Há uma outra versão, pautada na tradição oral, quanto à formação da comunidade do Vão do Moleque. Essa versão, contada pelos próprios moradores, diz que os negros chegaram à comunidade não por vontade própria, mas forçados pela necessidade de se livrarem do trabalho forçado que realizavam para os senhores de engenhos. Os relatos dialogam com a existência até hoje de cercas de pedras e outras marcas de proteção contra escravidão que ainda hoje existe nas comunidades do Território Kalunga como um todo.



Foto nº 06 - Cerca de Pedra, Comunidade Vão do Moleque. Acervo da pesquisadora - 2023

O registro da cerca de pedra que vemos na fotografia acima, um dos mais fortes marcos que ainda existe na comunidade Vão do Moleque é uma prova de como os negros se organizavam e buscavam proteção longe dos espaços de onde fugiram da escravidão.

Devido aos maus tratos e castigos a que eram submetidos, os negros fugiram para os ocos das serras, lugares quase inacessíveis, e se misturaram com os índios da etnia Avá Canoeiros que também se escondiam por lá, fugindo do contato dos invasores e de possível captura inimiga, fez se necessária essa união dando origens assim ao povo Kalunga.

Nesse encontro começaram a agregar alguns costumes indígenas necessários à sobrevivência nas matas tais como: a caça, a pesca, a identificar as frutas e raízes comestíveis, cultivar a terra, produzir o fogo, construir moradias, entre outros. Esses aprendizados de como sobreviver produzindo os próprios alimentos e moradas, contribuíram para que a comunidade Vão do Moleque sobrevivesse. Não se sabe qual das duas versões é a verdadeira, pois as lembranças que existem entre os poucos anciãos da comunidade são fragmentadas e cada pessoa conta a história de acordo com o que ouviu dos seus antepassados.

Permeava na comunidade Vão do Moleque a ideia do passado de sofrimento e de escravidão, ao que se somava o temor de que essa história pudesse se repetir. Esse receio se expressava no silenciamento dessa memória, muito presente na comunidade até bem pouco tempo atrás (SANTOS, 2014).

A luta dos Kalunga pela liberdade é ainda incessante até hoje. Lutamos pelos nossos direitos negados há muito tempo, por descendermos de uma geração de negros que outrora

foram escravizados. Durante anos vivíamos escondidos nos lugares mais inóspitos e inimagináveis de nos encontrar. “*Vivíamos com medo de sofrermos na pele o que nossos ancestrais sofriram, tínhamos medo de sermos capturados e voltarmos a ser escravizados como dizia que nossos parentes foi*” como nos informou o senhor (S. F. S. C, 2013) morador da comunidade.

O relato desse morador, de 98 anos de idade, nos dá elementos para ampliarmos a nossa compreensão em relação a nossa história as estratégias de resistências desenvolvidas pelos Kalunga. Neste sentido, os Kalungueiros pouco falavam do passado, talvez tentando apagar o que ficou para traz e trilhando um novo caminho com sua própria identidade, cultura e tradições.

Contudo, com o passar dos anos os Kalunga passaram a lutar pela permanência em suas terras, terra de seus ancestrais, onde viveram e construíram sua identidade repleta de saberes, costumes e tradições. A antropóloga Mari Baiocchi (1999) contribuiu significativamente para o desenvolvimento de todo o território ajudando o povo a superar alguns preconceitos e incentivando-os na preservação de sua memória e fortalecimento das suas identidades. Autora da obra “Uma História do Povo Kalunga”, Baiocchi (1999) adentrou o território em 1982 com intuito de conhecer a nós e os desafios dessa comunidade. No entanto, com a sua incursão foi possível levar aos governantes do estado de Goiás a história de um povo refugiado, esquecido, abandonado, mas que possuía um magnífico modo de vida permeado de um grande arcabouço cultural.

A incursão da antropóloga, de fato contribui com a redescoberta das nossas comunidades, colocando-as a conhecimento de vários aliados políticos e da própria ciência enquanto campo de produção de ciência por meio do ineditismo dos povos originários. Foram várias as contribuições que Baiocchi trouxe para nós. Foi a partir dela também que começou uma luta travada pelo reconhecimento do território e pela regulamentação das terras quilombolas dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. Essa ação, colocou vários membros do território, lideranças mais velhas, a se envolverem no processo de luta pelos nossos direitos.

Nesse sentido, foi apontado para os moradores, através da antropóloga, caminhos possíveis de trilhar para garantir os direitos básicos e a regularização fundiária do território. Foi a partir daí que várias lideranças começaram a se organizar para correr atrás de benfeitorias para as comunidades Kalunga. Nesse momento foi possível sinalizar caminhos para a organização interna do território, criando assim, posteriormente associações que

fortificaram o movimento em defesa dos nossos direitos coletivos, o principal deles era o direito à Terra.

Segundo Azevedo (1955), na década de 1980 a comunidade Kalunga enfrentou problemas de terra por causa da invasão de grileiros. Como o povo não possuía documento que comprovasse a posse da terra nada podia fazer contra os invasores. Passadas mais de três décadas da realização da pesquisa de Azevedo o problema não foi solucionado. Baiocchi (1999) esteve ao lado do povo Kalunga na luta pela legalização das suas terras perante o Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás (IDAGO), cuja luta continua até os dias atuais, pois, a comunidade ainda não possui o título de todo o seu território. Isso é um problema que muito preocupa os Kalungueiros (BAIOCCCHI, 1999).

Mas, a luta pelo direito à terra e a permanência no Território, está também alicerçada na luta de resistência dessa comunidade em busca de alternativas para sobrevivência. A sobrevivência baseada nas descobertas do potencial que a própria comunidade oferecia e ainda oferece.

Sobre o potencial do Território Kalunga, destacamos entre outros, o uso da produtividade do bioma Cerrado com as técnicas de coleta dos frutos e suas utilidades na sustentabilidade da vida local. A geração de renda por meio do extrativismo e comercialização de produtos alimentícios, medicinais, etc, aliada a essa diversidade produtiva que o Cerrado oferece, ajudou a garantir por vários anos uma relação de respeito, valorização e preservação da natureza.

É com esse respeito e valorização que a comunidade Vão do Moleque vem desenvolvendo suas técnicas de coletas desses produtos, entre eles as sementes na busca pela garantia do sustento da vida e do direito a ter uma vida saudável e mais sustentável na comunidade. Assim, surgiu a ideia dos coletores de sementes.

Atualmente a comunidade Vão do Moleque se fortaleceu pelo trabalho de resgate e valorização de sua história, memória e cultura. Ainda é carente no que se refere a políticas públicas que de fato atendam as nossas necessidades. Mas, embora ainda hoje, haja uma carência visível de políticas públicas ou a ausência delas, é possível dizer que muito tem se mudado. Pois, já existem escolas no território desde os anos 1990. A chegada das escolas veio para garantir o direito constitucional educacional também nas comunidades originárias.

Mas, tendo em vista as características de deslocamento, as dificuldades de acessibilidade à educação que existe na comunidade ainda hoje, em virtude da ausência de política de transporte ou da pluralização dos polos de atendimento, é possível dizer que a

educação para nós é precária. Pois, atende em parte as necessidades de acesso à educação básica, mas não há uma política que de fato garanta a permanência dos jovens na escola.

Todos os dias são mais de 30 quilômetros que nossos jovens percorrem até chegar as escolas que ali existem. Na sua maioria o transporte utilizado é caminhão (pau de arara) que não apresenta condições mínimas, adequadas e segura para nossas crianças.

Ao falarmos de políticas públicas e retratar um pouco a realidade das nossas escolas é evidente que existem carência ou ausência de outras políticas. Não existem por exemplo postos de saúde para atendimento básico na comunidade. Quando um membro que ali reside adoece é necessário solicitar transporte da prefeitura ou fretar por conta própria um carro na comunidade para ir em busca de socorro nas cidades.



Foto nº 07 - Capela Vão do Moleque (Romaria de São Gonçalo e Nossa senhora do Livramento)  
fonte: acervo da pesquisadora.

No entanto, o que tem garantido a fé e a esperança da comunidade viva desde outrora, é a relação forte que existe com a cultura e as crenças religiosas. Na comunidade, para além das festas culturais que são celebradas ao longo de todo o ano, existe um ponto de cultura onde as pessoas, uma vez no ano se mobilizam e se encontram. Esse ponto de cultura é denominado e conhecido por nós moradores como “Capela de São Gonçalo” (Romaria). O encontro no ponto de cultura, acontece no mês de setembro de todos os anos entre os dias 11 e 17. Não é possível aqui apresentar toda a relação da comunidade com a sua cultura. É necessário que viva essa experiência para que se possa melhor sentir quão rica é.

A comunidade, desde a sua ocupação pelos negros que ali chegaram se vestia e valia completamente da religião Católica. A igreja de São Gonçalo era e ainda é o ponto de

celebração das novenas, das missas ou das rezas que referendam nossos Santos. Mas de um certo tempo para cá, aproximadamente 15 anos, houve a introdução da igreja evangélica Assembleia de Deus. Isso mudou um pouco a configuração cultural da comunidade e a fé de algumas pessoas em relação a tradição. Os evangélicos ainda perduram na comunidade, tentando se fortalecer e mudar a fé de todos os que ali residem. Entretanto, em função das duas religiões que existem hoje na comunidade, podemos afirmar que 90% dos residentes ali ainda se mantém com a fé e a cultura do catolicismo.

A comunidade, por ser a princípio estritamente católica, sabe que por mais que a Assembleia de Deus tente obstruir a fé de todos que vivem ali, jamais isso vai ser possível. Ainda, cotam, rezam, fazem folias e benzem, se valendo dos saberes e fazeres da tradição para continuar sustentando a sua fé.

Existem na comunidade em média três ou quatro cemitérios, entre eles um que é específico para crianças. Mas, apenas um é conhecido por toda a comunidade. Esse cemitério que é conhecido é chamado de Tijuco, o nome dado é devido ao córrego na localidade que tem o mesmo nome. Dentre os cemitérios existentes, a separação entre o enterro de crianças e adultos se baseia na fé católica por considerar que as crianças ainda não cometeram pecados que possam os castigarem. Geralmente o cemitério onde é feito o enterro de crianças é chamado “Cemitério dos Anjos”

Os cemitérios, podemos entender aqui como espaço também de cultura. Pois ali, apesar de simbolizar e referenciar um espaço de dor, de recordação de algo ou alguém que nos trazem sofrimento, também acontece as rezas em oferecimento e em pedido para que nosso Pai dê a glória e a paz a todos, tanto aos vivos que estão ainda na face da Terra, mas principalmente aos mortos enterrados.

A comunidade recebeu o nome de Vão do Moleque porque tem uma serra com um pico parecido com um dedo, conhecido por dedo do “Moleque”. Existe na comunidade o mito de que esse pico é encantado e ninguém chega perto dele, pois é um lugar de ventania forte e muito frio e úmido neste local. Acreditam-se que nem mesmo de avião ninguém nunca pôs os pés por lá. Outra estória muito conhecida neste lugar é que quando o pico do moleque está coberto de neblina é sinal que vai chover muito neste dia.



Foto nº 08 - Vista do pico do Morro do Moleque. (Arquivo da pesquisadora, 2023)

O Vão do Moleque é banhado por alguns rios, que compõem parte da bacia hidrográfica do Tocantins, dentre os quais citamos: Corrente, Correntinho, Corriola e Prata. Esses rios e alguns córregos delimitam a comunidade já os rios Prata e Paranã limitam a comunidade com o estado do Tocantins. Abaixo, vemos imagens de dois desses rios. Sendo eles o rio Corrente e o Prata.



Foto nº 09 - Rio Corrente, Comunidade Vão do Moleque (Acervo da pesquisadora, 2023)



Foto nº 10 - Rio Prata (Acervo da pesquisadora, 2023)

Existem também, para além dos rios maiores, outros pequenos rios que são conhecidos como córregos ou grotas, como o Porcos, por exemplo, é um córrego por carregar um volume baixo de água e por muitas vezes não resistir as secas, sendo possível seu abastecimento de águas somente no período das chuvas. Devido à comunidade não possuir água encanada, são as águas desses rios que abastecem a grande parte da comunidade inclusive a escola, e suas águas são utilizadas para todas as necessidades locais.

Levadas pela necessidade de proximidade ao rio, muitas pessoas construíram suas casas muito próximas às margens e isso está causando sérios problemas às matas ciliares, como o desmatamento para a construção de roças e pastagens. E nos próprios rios, muitos moradores jogam lixos dentro e em suas margens, além da sujeira de gorduras na água devido a lavagem de utensílios domésticos, restos de comida, restos de animais abatidos, fezes e urina de animais, pois todos utilizam o mesmo rio para a necessidades essenciais, beber, tomar banho, lavar louças, lavar roupas, limpar os peixes e caças. Essa poluição é prejudicial a saúde, ela causa muitas doenças nos moradores principalmente nas crianças e idosos.

A Comunidade Vão do Moleque, assim como todo o território Kalunga, tem o clima semiárido. Os moradores de Vão do Moleque vivem basicamente da agricultura de subsistência (produzem arroz, feijão, mandioca, milho, abóbora, quiabo, jiló, maxixe e outros), da pecuária, da caça, pesca e do extrativismo vegetal.

### **3 - A Associação Cerrado de Pé e a Rede Semente do Cerrado**

No ano de 2014 começou a parceria entre a Rede Semente do Cerrado, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a Empresa Brasileira de

Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Universidade de Brasília (UnB) no sentido de promoverem ações em defesa do meio ambiente e sua biodiversidade no bioma cerrado. Em 2015 a empresa Norte Brasil Transmissora de Energia Elétrica S. A. promoveu um programa de reposição florestal no estado de Goiás. Fomentando assim um cenário comercial da venda de sementes para a restauração de áreas degradadas por desmatamentos realizados para a passagem de rede de energia elétrica.

Após a finalização das atividades de conservação no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, foi percebido pelos pesquisadores, coletores e entidades parceiras uma oportunidade de comercialização das sementes. Com essa intenção foi realizado o I encontro de coletores de sementes do cerrado em Alto Paraíso de Goiás, em 2016, reunindo 40 pessoas, apoiadores, entidades parceiras, representantes do ICMBio, Rede Sementes do Cerrado, Oca Brasil, UnB e Sebrae com a ideia de coletar e comercializar as sementes. Nesse encontro foi que originou a Associação Cerrado de Pé, criada em março de 2017 com a orientação do Sebrae.

A Cerrado de Pé é uma associação sem fins lucrativos constituída por 100 famílias de coletores de sementes nativas do cerrado. Atua nas seguintes localidades, comunidades do entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), Assentamento Silvio Rodrigues, Vila de São Jorge, Colinas do Sul, Alto Paraíso de Goiás, Teresina de Goiás, Cavalcante, São João d'Aliança e no Território Quilombola Kalunga<sup>10</sup>.



Figura nº 01 - Associação Cerrado de Pé<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.cerradodepe.org.br/>. Acessado em 17 out 2023.

<sup>11</sup>

Fonte: [https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Finstitutolegado.org%2Fblog%2Finiciativasprojeto%2Flegado19%2F&psig=AOvVaw1rl9kOZroBal6q0AXeui1q&ust=1697723497035000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxqFwoTCIDR\\_oHf\\_4EDFQAAAAAdAAAAABAE](https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Finstitutolegado.org%2Fblog%2Finiciativasprojeto%2Flegado19%2F&psig=AOvVaw1rl9kOZroBal6q0AXeui1q&ust=1697723497035000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxqFwoTCIDR_oHf_4EDFQAAAAAdAAAAABAE)

O principal objetivo da ACP “*é contribuir para a conservação e restauração do Cerrado, coletando sementes de gramíneas, ervas, arbustos e árvores de espécies nativas do Cerrado para projetos e iniciativas de recuperação de áreas degradadas de Cerrado*” (<https://www.cerradodepe.org.br/>). De acordo com o site desta associação,

Desde 2020, a Associação Cerrado de Pé tem atuado na restauração ecológica do Cerrado. Assim, a ACP trabalha em toda a cadeia da restauração, que vai desde a coleta e o beneficiamento das sementes nativas até o preparo do solo e o plantio das áreas a serem restauradas. A Cerrado de Pé possui uma equipe técnica qualificada, que é responsável por desenvolver as ações de restauração em parceria com outras instituições, como, por exemplo, o ICMBio e diversas universidades. Atualmente, a ACP, em conjunto com outros parceiros, desenvolve projetos para restaurar mais de 830 hectares em toda a região da Chapada dos Veadeiros até 2024.



Foto nº 11 - Reunião dos coletores com a Associação Cerrado de Pé, para a formação de uma nova diretoria, que ficou composta por vice-presidente e conselho com membros de coletores da comunidade Kalunga Vão do Moleque.

A ACP tem também como escopo: Incentivar o extrativismo sustentável no entorno do PNCV, fomentando cadeias produtivas que valorizem o cerrado em pé: como polpas de frutas, castanha de baru, farinhas, entre muitos outros; Gerar renda para população de áreas rurais com base na conservação do cerrado; Capacitar coletores para coleta de sementes, beneficiamento, armazenamento e distribuição de maneira sustentável; Valorizar o coletor de semente e sua identidade para contribuir com o empoderamento das comunidades rurais; e envolver e aproximar a população nas ações de conservação da biodiversidade do cerrado e no entorno do PNCV. A ACP conta com a parceria da Rede Sementes do Cerrado e de

outras instituições, como o ICMBio e diversas universidades<sup>12</sup>, como por exemplo a Universidade de Brasília (UnB).

A ACP tem como composição na diretoria um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, uma secretária e o conselho fiscal. Presidente - Cintia de Oliveira Silva Carvalho; vice-presidente - Emilverton de Souza Fernandes; secretária - Maria Lúcia dos Anjos Sousa; tesoureiro - Valdeci Carvalho; conselho fiscal - Agripina Tertuliano, Silvani dos Santos Rosa, Gerdilei Pereira e Nilca Fernandes dos Santos. A eleição é feita a cada dois anos. No primeiro mandato, toda a diretoria era de Alto Paraíso, mas com o grande número de coletores Kalunga fez se necessário a participação dos Kalungueiros na diretoria da Associação, assim a atual vice-presidência e o conselho fiscal são compostos por coletores Quilombolas Kalunga da comunidade Vão do Moleque.

Já a Rede Semente do Cerrado também é uma associação sem fins lucrativos cujo o encargo é a *“defesa, a preservação, a conservação, o manejo, a recuperação, a promoção de estudos e pesquisas, e a divulgação de informações técnicas e científicas relativas ao meio-ambiente do Cerrado, especialmente no Brasil Central”*. Iniciou no ano de 2001 como projeto ligado ao Fundo Nacional do Meio Ambiente que tinha como objetivo fomentar a cadeia de produção de sementes no bioma Cerrado. A Rede foi criada formalmente em 2004 e em 2005 passou a ser uma Organização Social da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).



Figura nº 02 - Rede de Sementes do Cerrado<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Fonte: <https://www.cerradodepe.org.br/>. Acessado em 17 out 2023.

<sup>13</sup> Fonte: [https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fcaminhosdasemente.org.br%2Freds-de-sementes%2Freds-de-sementes-do-cerrado&psig=AOvVaw31Cj4xX\\_Xo2WDTx\\_IM6sbR&ust=1697723971765000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxqFwoTCJDVteTg\\_4EDFQAAAAAdAAAAABAE](https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fcaminhosdasemente.org.br%2Freds-de-sementes%2Freds-de-sementes-do-cerrado&psig=AOvVaw31Cj4xX_Xo2WDTx_IM6sbR&ust=1697723971765000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxqFwoTCJDVteTg_4EDFQAAAAAdAAAAABAE)

De acordo com seu site, “*A Rede de Sementes do Cerrado, atua na articulação política e técnica para a regulamentação da atividade de coleta de sementes, o fomento do comércio, a melhoria da qualidade das sementes e mudas de espécies nativas do Cerrado*”. Possui quatro categorias de associados: Associados fundadores; Associados efetivos; Associados colaboradores e Associados institucionais. Essa última categoria é destinada a “*instituições de ensino, pesquisa e extensão ou associações em geral, incluindo Cooperativas e Organizações Não Governamentais, inclusive estrangeiras, e outras pessoas jurídicas de direito público e privado*”<sup>14</sup>. É justamente nessa quarta categoria que se insere a Associação Cerrado de Pé.

A Associação Cerrado de Pé e a Rede Semente do Cerrado chegaram na comunidade Vão do Moleque em 2017, a convite de seus moradores. Iniciaram com 15 coletores, e até o momento já são 70 associados. Juntas essas Associações realizaram oficinas e treinamentos acerca das coletas das sementes sem danificar o meio ambiente. Os coletores foram divididos por região dentro da comunidade, para não correr o risco de muitos coletores colherem da mesma árvore.

Como será visto, por meio das falas de minhas interlocutoras, a comunidade Vão do Moleque só tem a ganhar com os coletores de sementes, além do aumento da renda familiar, há um desenvolvimento sustentável entre as famílias, pois ao beneficiar as sementes as poupas delas são retiradas para limpar as sementes e assim passam a ser consumidas ou comercializadas por pessoas que apreciam os frutos do cerrado. Em relação aos pontos negativos, foi percebido que diminuiu bastante a quantidade de frutos e sementes para o alimento dos animais, isso faz falta para a dieta alimentar deles.

As outras comunidades quilombolas Kalunga do município de Cavalcante, não participam ainda dessa organização de coleta de sementes, por enquanto apenas a comunidade Kalunga Vão do Moleque participa desse processo, mas com o passar do tempo essa organização chegará as demais comunidades. Segundo a diretoria da ACP, assim que a demanda pelas sementes aumentarem, aumentará também a quantidade de coletores, desse modo possibilitará a entrada de novos coletores de outras comunidades.

---

<sup>14</sup> Fonte: <https://www.rsc.org.br/quem-somos/sobre-a-rede>. Acessado em 27 set 2023.

## **CAPÍTULO II**

### **DA PRODUÇÃO À COLETA E BENEFICIAMENTO**

Este capítulo tratará do período produtivo da flora na comunidade Vão do Moleque, a variedade produtiva do cerrado, a coleta e do beneficiamento, o período em que são coletadas as sementes e os tipos de coletas e espécies coletadas. É um capítulo que apresenta para nós um banco de sementes que existe dentro da comunidade e como cada uma delas tem uma importante missão de potencializar a diversidade da vida. Algumas apenas como reprodutoras de espécies, outras como fonte de alimentos, algumas como medicina outras como proteção e segurança.

#### **1 - Período Produtivo da Flora na Comunidade Vão do Moleque**

O período produtivo do cerrado Kalunga na comunidade Vão do Moleque pode ser entendido a partir de perspectiva integradora que perpassa todos os meses do ano em curso. Neste sentido, a produção do cerrado pelas características e a diversidade produtiva que ele apresenta, podemos compreender que esse período vai de janeiro a dezembro.

Conforme podemos analisar posteriormente na tabela das espécies coletadas pela comunidade, o período produtivo deve ser compreendido desde a sua floração até o momento da coleta de cada espécie produzida. Assim, é possível dizer, que a cada ano, de janeiro a dezembro, a comunidade se organiza para o trabalho de coleta dos frutos e sementes que ali existem.

Falar do período produtivo da flora do cerrado Kalunga, nos remetem ao conceito de diversidade. Ao nos remeter a questão da diversidade, também nos remetem a outras organizações produtivas da comunidade. Dentre as demais organizações produtivas, um destaque a ser dado é em relação as produções agrícolas. Pois ela, somada a ação dos caçadores e coletores de sementes, permitem-nos revigorarmos as energias e a esperança da comunidade, a partir da garantia que se tem com a alimentação e sobrevivência dos sujeitos que dela faz parte.

Neste sentido, o período produtivo mostra para nós a voz da natureza rompendo com todas as tentativas de silenciamento que nós seres humanos tentamos impor, principalmente pela sua exploração com a monocultura dentro de uma produção em larga escala de capital. É uma resposta também as necessidades de adaptação entre sujeitos e meio ambiente.

Essa é uma forma de acesso a terra que representa o uso comum dos recursos disponíveis na natureza que desde outrora, tem sido explorado de maneira muito respeitadora pelos povos originários.

Trabalhar com questões relativas ao meio ambiente como é o caso da coleta de sementes é preciso que os seres humanos pensem de modo romântico e ingênuo perante a natureza. Desse modo, podemos acreditar que a natureza humana é intrinsecamente boa e não percebemos que existe antes uma realidade referente as necessidades econômicas dos sujeitos que nela habita e uma necessidade de segurança e soberania alimentar a todos os seres vivos.

Assim, o período produtivo e produção da natureza nos demonstram uma considerável ideia de progresso do desenvolvimento social, cultural e econômico interno e externo da comunidade Kalunga. É essa ideia de progresso que posteriormente leva aos sujeitos a destruírem ou modificar a natureza em função dos seus desejos. Associado a essa ideia, podemos dizer aqui, que a coleta de sementes na comunidade Vão do Moleque progressivamente vem tomando este caminho, de modo que se vê o crescente e acelerado número de coletores a disputar uma mesma área de coleta.

De outro modo, o que podemos entender é que os seres humanos não são bons e nem ruins, o que acontece é que aplicam suas capacidades tanto de grandes gestos construtivos e de generosidade quanto de egoísmo e de destruição dos ambientes naturais causando assim um desequilíbrio no período e nos ciclos produtivos.

Quando pensamos então, no período produtivo a partir da perspectiva da diversidade de espécies coletadas na comunidade Vão do Moleque, é bom que lembremos de dois conceitos, o de preservação e o de conservação ambiental. É a partir da preservação e da conservação que vamos poder garantir por um período mais longo, que outros sujeitos possam conhecer tais espécies, ou até mesmo desenvolver também as práticas de coleta na comunidade.

Sobre preservação a definição já dada a este conceito por muitos outros pesquisadores, é de que essa é uma ação de proteger o meio ambiente, contra a destruição e qualquer forma de dano ou degradação da natureza. Uma comunidade ameaçada de extinção, é nestas perspectivas, um ponto de atenção em que devemos lançar nossos olhares e ter um foco de adoção de medidas preventivas legais e essencialmente necessária para garantir a sustentabilidade de todos e evitar que seja extinta.

O povo Kalunga tem buscado preservar suas áreas ocupadas desde que botaram os pés nas terras de pretos (terras de preto aqui referenciando os quilombos onde residem negros

descendentes de ex-escravizados). No entanto, começa agora, a partir da exploração por meio da coleta excessiva a insuficiência dos recursos disponíveis para garantir a vida sem que haja uma contrapartida deles com ações de educação ambiental.

O período produtivo ou reprodutivo da flora na comunidade, se alinha também as exigências da conservação do ambiente natural. Sobre conservação nas perspectivas de Wilson (2012), podemos entender que ela parte da perspectiva da utilização racional de um recurso natural qualquer, para se obter um lucro considerado bom, garantindo-se, entretanto, a renovação ou a autossustentação dos recursos previamente disponíveis.

Assim, conservação ambiental quer dizer o uso apropriado do meio ambiente dentro dos limites capazes de manter sua qualidade e seu equilíbrio em níveis aceitáveis. E é com estas perspectivas que a comunidade coletora do Vão do Moleque por meio da Associação Cerrado de Pé buscado trabalhar.

No entanto, a conservação está implicada no trabalho de manejar, usar com respeito e cuidado, manter instável podendo usufruir não apenas hoje, mas gradativamente ao longo dos tempos. Já preservar está de certa forma, alinhado à restrição do uso das espécies ou do espaço de conservação não permitindo qualquer intervenção humana que venha impactar na alteração das características originais do ambiente. Nesta perspectiva de preservação e conservação, de acordo com Cunha (2015),

A sustentabilidade está relacionada à capacidade de compreensão sistêmica da vida, sendo que o uso inadequado ou superexploração dos recursos disponíveis nos ecossistemas compromete a vida de toda espécie num território e, mais amplamente, no planeta como um todo, como salientou Araújo (2015) em seu artigo intitulado: Aplicação dos princípios ecológicos nos estudos linguísticos: uma abordagem ecossistêmica da linguagem. (p.32)

Visto que, a superexploração compromete o ciclo e o período produtivo da flora. O que o autor chama a atenção, é em relação ao uso inadequado da coleta de sementes pelos povos na comunidade. É necessário, para tanto, desenvolver uma política de coleta que garanta um equilíbrio de vidas.

Então, pensar no ciclo de produção e no período produtivo do cerrado Kalunga nos coloca diante de um desafio enorme, o de garantir que a tradição de coleta não seja nostálgica, mas inspiração para inovar e permitir que nossa liberdade engendra, reabrindo o tempo histórico e suas possibilidades e potencialidades perdidas.

## 2 - Variedade produtiva do cerrado na Comunidade Vão do Moleque

O contingente de frutos e sementes que o nosso cerrado Kalunga produz é vasto. E varia desde espécies exóticas, espécies comestíveis para nós seres humanos como espécies que não são comestíveis. Os frutos e sementes comestíveis ou não, a comunidade denomina de “frutos brabos” ou “frutos mansos”.

Os frutos mansos são aqueles que ao longo dos anos, e, a partir do contato e da observação que fazemos em relação a natureza, conseguimos identificar substâncias comprovadas de saciar nossa fome, seja pelo uso direto ou indireto no preparo dos nossos pratos. Como exemplo do uso direto cito o cajuzinho do cerrado foto nº 12 abaixo.

Já os frutos não comestíveis, são aqueles os quais não são utilizados nas nossas dietas alimentares e, visivelmente, também fazem parte da dieta dos demais bichos da natureza. São frutos que de alguma forma se a gente comer, é possível que sintamos enjoos, mal-estar e pode nos causar até a morte.

A variedade comestível, diferentemente das demais tem sido bastante utilizada pela comunidade desde que habitaram as regiões do quilombo. E, ao longo da nossa trajetória outras variedades vieram sendo descobertas formas de utilização que também passaram a ser utilizadas, tanto nas práticas de alimentação quanto nas práticas da medicina tradicional.

Mas, ainda que várias práticas de utilidades dos frutos e sementes do cerrado Kalunga tenham sido descobertas e domesticadas, várias espécies não são de utilidade para estes fins. Estas espécies, estas que são desperdiçadas, grosso modo de dizer, porque nós não as utilizamos para nenhum fim.



Foto nº 12 - cajuzinho do cerrado - arquivo da pesquisadora 2023

Algumas destas espécies nem são conhecidas, outras são conhecidas e inutilizadas e outras, hoje fazem parte da lista de sementes que são coletadas, mas expedidas do território. Do grupo variável de frutos e sementes que o cerrado Kalunga produz podemos trazer aqui uma pequena lista tais como: pequi, bauru, cagaita, mangaba, cajuzinho do cerrado, marmelada, araçá, murici, pau terrinha, pau terrão, lobeira, gramínea, aroeira, angico, jatobá, pimenta de macaco, sicupira, angelim, ipê, roxo, ipê amarelo, imburana, açoita cavalo, assa-peixe, carne de vaca, cravueiro, chichá, mutamba, imbaúba, fedegoso, Gonçalo, marmelada de bezerro, marmelada de cachorro, tatarema, pau santo (foto nº 13), entre outras.



Foto nº 13 - Pau santo - acervo da pesquisadora 2023

Cada uma destas espécies aqui mencionadas é um universo a ser estudado, o que não é nosso objetivo aqui, mas sim demonstrar o contingente ou variedade de espécies que é possível encontrar na realidade Kalunga. Dentre as variedades do cerrado Kalunga, muitas destas espécies, acima apresentadas e outras que não trouxemos aqui, são vendidas pelo grupo de coletores de sementes, outras espécies são utilizadas na culinária da comunidade ou nas práticas medicinais.

Não é possível apresentar aqui com exatidão da variedade espécies do nosso cerrado. Mas fica evidentes que se fizermos um levantamento de todas as espécies conhecidas e não conhecidas pela comunidade teremos uma média de mais de 200 variáveis desde as mais conhecidas as mais exóticas que possamos imaginar.

Obviamente, não são todas as espécies que produzem sementes que podemos coletar, e nem coletamos. O que quero dizer com isso, é que existe um complexo conjunto de espécies que em rede, e em harmonia forma o cerrado Kalunga e garante a sustentabilidade das vidas ali. Couto (2007) diz que, “desde Darwin, estamos cômicos da imensa variedade de espécies de organismos que constituem os ecossistemas. Disso resulta a característica da diversidade, uma das mais apreciadas pela ecologia social” (COUTO, 2007, p. 34).

Cunha (2015, p. 33) afirma o que Couto (2007) disse falando que a variedade “*é, portanto, um termo que remete à observação de preservação das espécies, já que para ter certa estabilidade no ecossistema é preciso ter muita diversidade*”. É nos termos da diversidade que se cunha o conceito de etnobotânica como ciência que estuda as inter-relações entre plantas e povos originários. Para Cunha (2015, p. 38),

A etnobotânica consiste no ramo da ciência que engloba todos os estudos condizentes às inter-relações mútuas entre meio ambiente (plantas) e povos tradicionais. De maneira mais ligeiramente clara, ela é o estudo das relações entre populações e plantas. O objeto se restringe ao uso de plantas por povos tradicionais das comunidades rurais, isso justifica a inclusão do conhecimento etnobotânico (etnozoológico) da comunidade rural que discutiremos posteriormente. Na verdade, o que interessa aqui é o conhecimento que esses povos têm das plantas, o uso que fazem delas e como as tratam e se esse conhecimento está sendo repassado de geração para geração.

Desta forma, Cunha nos leva a compreensão mais uma vez do cerrado Kalunga e sua diversidade. Continua o autor afirmando que,

Para fins de melhor entendimento, a familiaridade dos povos kalungas com árvores de seu habitat é rigorosamente rica, eles sabem sobre a dureza, o peso a flexibilidade, a resistência e a deterioração de todas as madeiras de uso, principalmente as usadas para construir uma casa. O fato é que esses povos conhecem centenas de árvores e, de certa forma, as classificam como útil e inútil, ou seja, aquelas que têm mais finalidade e as que têm menos finalidades. Das que têm maior finalidade, destacamos o ipê amarelo, o jatobá, a aroeira, a sucupira, entre outras. Devo observar que do total de árvores que são conhecidas pelos povos kalungas, cerca de 20 dessas árvores são parcialmente úteis nessa construção. Algumas dessas árvores são de uso medicinal, mas o uso dessa medicina não será abordado com mais profundidade neste trabalho.

Dito isso, fica evidente que os conhecimentos do nosso povo em relação ao cerrado, ultrapassa os limites da visão nossa em relação as práticas de vivências do nosso povo com as plantas. No caso do nosso trabalho aqui, não são somente as práticas de coletas e beneficiamentos, mas sim um conjunto de vidas e de vivências que tornam capazes os povos tradicionais, conhecedores/as que nos possibilitam as práticas de coletas das sementes.

Cunha (2015) e Couto (2007) ressaltam que nas comunidades quilombolas o quantitativo de espécies de plantas ultrapassa a nossa visão e a nossa capacidade de identificação das espécies. Algumas espécies deste território são de natureza familiar com uma predominância entre as mulheres, como é o nosso caso com a coleta das sementes. Enquanto outras espécies são de domínio entre os homens. Isso, varia por conta dos modos como estes dois grupos mais se relacionam com a natureza

No nosso caso aqui, se vê ao contrário as mulheres coletoras de sementes são muito mais do que os homens na comunidade Vão do Moleque. De fato, se vê duas funções sociais em relação ao conhecimento do povo Kalunga em detrimento do cerrado, um domínio masculino em termo do uso das madeiras destas plantas para abrigo e outras finalidades e sobretudo das mulheres com as práticas culinárias, medicinais e a coleta de sementes para beneficiamento de outra forma.

### **3 - Período de coleta das sementes**

O período de coleta de sementes é um momento de muita interação entre os povos com o meio ambiente. É um momento de fortalecimento dos conhecimentos dos povos que ao longo dos anos viveram e vivem em contato direto com a natureza. É um momento de fortalecimento dos conhecimentos porque a cada visita ao cerrado temos a oportunidade e a possibilidade de nos apreender com ele, de conhecer novas espécies e de descoberta de novas formas de relação.

O período de coleta de sementes, ultrapassa nossa visão de coletores. Pois, a gente muito se prende nas sementes mais conhecidas e já descobertas, esquecendo muitas vezes de buscar por novas sementes que possam ser coletas e trazer beneficiamento para a comunidade.

Assim, o período de coleta de sementes, atravessando os espaços e tempos na comunidade ele perpassa todo o ano em curso. Por vezes com um potencial elevado de produção outras vezes decadentes por meio da interferência humana causando impactos ambientais e rompendo o ciclo produtivo. Wilson (2012) vai dizer que,

[...] uma recente e bem-sucedida abordagem consiste em deduzir as regras de formação das faunas e floras. Embora a tentativa de identificar espécies-chaves tome uma comunidade basicamente como ela é e calcule o que acontece quando a espécie candidata é retirada, as regras de formação procuram a reconstruir a sequência em que as espécies foram acrescentadas quando a comunidade passou a existir. E mais: postula quais sequências são possíveis e quais não são. Permitam-me expressar a ideia usando um exemplo imaginário escolhido por sua clareza. [...]” (WILSON, 2012, p. 211).

São por meio das regras de formações da fauna que também podemos compreender a dinamicidade do período produtivo do cerrado Kalunga. Pois cada espécie produz no seu tempo e espaço adaptado.

Como podemos analisar adiante no quadro das espécies coletadas, o período de coleta das espécies se assemelha entre algumas, mas variam de uma para outra, o que nos reafirma que a produção das espécies na comunidade Vão do Moleque ultrapassa os tempos e espaços.

Cada grupo de espécies pode apresentar o seu período distinto ou semelhantes das demais. Vejamos dois exemplos de plantas, um com período de produção e coleta semelhantes e outro diferente:

**Tabela 1 - Primeiro caso: grupo com período de produção semelhante ou igual**

Nome popular	Nome científico	Período da floração	Período da coleta	Tempo de armazenamento
<b>Tamboril</b>	Lophius	De setembro a novembro	Julho e agosto	Até 1 ano
<b>Angico</b>	Anadenanthera macrocarpa	De setembro a novembro	Junho a agosto	Até 1 ano

Nos dois casos acima é possível perceber que o período de produção é igual, o que nos leva a compreensão de que há uma variação no período de coleta das sementes do cerrado Kalunga.

**Tabela 2 - Segundo caso: grupo de produção com períodos distintos**

Nome popular	Nome científico	Período da floração	Período da coleta	Tempo de armazenamento
<b>Aroeira</b>	Schinus terebinthifolia	setembro	Entre dezembro e janeiro	Até 1 ano
<b>Caju</b>	Anacardium occidentale	Junho a agosto	Julho a setembro	Até 18 meses

Neste segundo caso, diferente do que temos no primeiro, observa-se uma distância entre o período de produção e coleta das sementes. O que mais uma vez constata a nossa

afirmação de que o período de produção do cerrado Kalunga não cabe em um curto espaço de tempo, mas perpassa as comunidades os longos meses do ano de janeiro a dezembro.

A partir deste ponto de vista, podemos afirmar que a diversidade de plantas e a produtividade de sementes por elas, tenham uma coisa bastante em comum pelo fato de se tornar capazes de produzir e permitir a coleta para beneficiamento das famílias que ali vivem. Para tanto, os casos aqui revelados de aproximação e distanciamento na variedade produtiva, não são casos isolados, mas sim uma realidade que não nos permitem estabelecer um padrão de produção e coleta das sementes do cerrado.

#### **4 - Tipos de coletas e espécies coletadas**

Para falarmos dos tipos de coletas e das espécies coletadas é importante voltarmos um pouco no tempo. É importante recordarmos que os tipos de coletas se dão pelo menos em dois níveis. O primeiro dele na perspectiva da coleta apenas das espécies de uso pelos povos da comunidade para estreitar as necessidades enfrentadas devido a carência de subsídios que garantisse a sustentabilidade da vida local

Esse primeiro nível de coleta, se volta então para plantas que produzem sementes que são utilizadas na medicina tradicional (como exemplo a semente de Tamboril foto nº 14) e sobretudo na culinária como um complemento dos pratos que ajudam a espantar a fome dos sujeitos que ali vivem. Algumas espécies como a sucupira branca, bauru e pequi são exemplos dessa relação da natureza com a comunidade no combate as necessidades de subsistência.



Foto nº 14 - Semente de Tamboril do cerrado

O segundo nível se volta para o trabalho com a coleta para além do consumo local. A coleta é que leva a comunidade a se reorganização de forma política e culturalmente diferente. Neste segundo nível a comunidade estabelece as relações de venda e troca das sementes por outros produtos ou por capital com a perspectiva de poder comprar aquilo que a comunidade não possui.

Esse segundo nível, por mais que nos mostra uma forma de organização política e econômica da comunidade, nos aponta um caminho perigoso que começa a trilhar os sujeitos coletores que é o caminho da exploração da natureza e, por conseguinte, o desequilíbrio e a insustentabilidade. Então, percebemos que o nível um de coleta, está voltado para uma categoria equilibrada dos sujeitos com a natureza. Assim eles coletam apenas aquilo que é possível consumir no interior ou no seio das relações comunitárias.

Já o nível dois, nos traz uma outra dimensão da coleta. A dimensão da lógica capitalista, que para além da coleta para o consumo no seio das relações comunitárias, há a exploração da natureza por meio da troca de recursos de capital.

É a partir do que estamos chamando aqui de categorias ou níveis de coletas que podemos compreender que a função social deste trabalho é também de fortalecer estudos e orientar a comunidade sobre os impactos causados pela ação dos coletores, seja somente para o consumo no seio das relações comunitárias, seja para venda para outras organizações que a preço muito inferiores seduzem os moradores e compram as riquezas da comunidade.

Feito os apontamentos sobre os tipos de coletas das sementes no território Kalunga vamos trazer aqui quais são as espécies coletadas hoje pelo grupo de coletores. A tabela 3, que vemos abaixo, nos traz a dimensão do contingente de espécies coletas na comunidade Vão do Moleque, embora algumas das sementes aqui apresentadas não são encontradas na localidade. Esta tabela apresenta o nome popular das plantas e árvores com o preço por quilo das sementes.

**Tabela 3 - Quadro de sementes da Comunidade Vão do Moleque catalogada pela Associação Cerrado de Pé**

Nome popular	Quilograma	Preço coletor 2023
<b>Açoita-cavalo</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Almécegas</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Amargoso</b>	1 Kg	R\$ 60,50

<b>Amburana</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Angelim bravo/Morcego</b>	1 Kg	R\$ 12,10
<b>Angelim/Amargoso Árvore</b>	1 Kg	R\$ 18,15
<b>Angelim-da-mata</b>	1 Kg	R\$ 18,15
<b>Angico</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Angico-branco/Monjoleiro/Piriquiteira</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Araça-Goiabinha</b>	1 Kg	R\$ 200,00
<b>Aroeira</b>	1 Kg	R\$ 50,00
<b>Assa-peixe</b>	1 Kg	R\$ 60,50
<b>Barbatimão</b>	1 Kg	R\$ 181,50
<b>Baru</b>	1 Kg	R\$ 6,05
<b>Bolsa-de-pastor</b>	1 Kg	R\$ 181,50
<b>Buriti</b>	1 Kg	R\$ 10,00
<b>Buritiana</b>	1 Kg	R\$ 60,00
<b>Caja</b>	1 Kg	R\$ 100,00
<b>Caju</b>	1 Kg	R\$ 15,00
<b>Cajuí</b>	1 Kg	R\$ 15,00
<b>Candieiro</b>	1 Kg	R\$ 54,45
<b>Candieiro estrada</b>	1 Kg	R\$ 72,60
<b>Capim Andropogon Nativo</b>	1 Kg	R\$ 60,50
<b>Capim Aristida</b>	1 Kg	R\$ 72,60
<b>Capim arroz</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Capim Brinco-de-princesa</b>	1 Kg	R\$ 72,60
<b>Capim Carrapato</b>	1 Kg	R\$ 88,00
<b>Capim Colonião</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Capim Fiapo</b>	1 Kg	R\$ 72,60
<b>Capim Flechinha</b>	1 Kg	R\$ 423,50
<b>Capim Jaraguá Nativo</b>	1 Kg	R\$ 96,80
<b>Capim Orelha-de-coelho</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Capim Pé-de-galinha</b>	1 Kg	R\$ 102,85
<b>Capim Rabo-de-burro</b>	1 Kg	R\$ 96,80
<b>Capim Roxo</b>	1 Kg	R\$ 108,90
<b>Capim-estrela</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Capim-Mulungu</b>	1 Kg	R\$ 88,00
<b>Capim-vassoura</b>	1 Kg	R\$ 88,00

<b>Capitao-da-mata/Maria-preta</b>	1 Kg	R\$ 18,15
<b>Capitão-do-cerrado/Mussambé</b>	1 Kg	R\$ 18,15
<b>Carne-de-vaca/Sobre</b>	1 Kg	R\$ 10,89
<b>Caroba</b>	1 Kg	R\$ 154,00
<b>Carobinha</b>	1 Kg	R\$ 242,00
<b>Carvoeiro</b>	1 Kg	R\$ 54,45
<b>Casadinha</b>	1 Kg	R\$ 100,00
<b>Chapada/Unha-d'anta</b>	1 Kg	R\$ 54,45
<b>Chichá</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Chuveirinho/ Sempre-viva</b>	1 Kg	R\$ 114,95
<b>Cipó-quebrador</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Copaíba</b>	1 Kg	R\$ 70,00
<b>Cordia</b>	1 Kg	R\$ 96,80
<b>Embaúba</b>	1 Kg	R\$ 130,00
<b>Favela</b>	1 Kg	R\$ 220,00
<b>Fedegoso</b>	1 Kg	R\$ 36,30
<b>Gameleira</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Garapa</b>	1 Kg	R\$ 130,00
<b>Gomeira</b>	1 Kg	R\$ 130,00
<b>Gonçalo</b>	1 Kg	R\$ 50,00
<b>Guariroba/Garioba/Gueroba</b>	1 Kg	R\$ 14,52
<b>Ipê Amarelo da Mata</b>	1 Kg	R\$ 133,10
<b>Ipê-caraíba</b>	1 Kg	R\$ 133,10
<b>Ipê-roxo</b>	1 Kg	R\$ 133,10
<b>Jacarandá</b>	1 Kg	R\$ 36,30
<b>Jatobá-da-mata</b>	1 Kg	R\$ 40,00
<b>Jatobá-do-cerrado</b>	1 Kg	R\$ 55,00
<b>Jequitibá</b>	1 Kg	R\$ 300,00
<b>Landi</b>	1 Kg	R\$ 80,00
<b>Lixeirinha</b>	1 Kg	R\$ 70,00
<b>Lobeira</b>	1 Kg	R\$ 110,00
<b>Macela</b>	1 Kg	R\$ 181,50
<b>Mamoninha</b>	1 Kg	R\$ 80,00
<b>Margarida</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Marmelada-de-bezerra</b>	1 Kg	R\$ 150,00

<b>Marmelada-de-cachorro</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Mata-cachorro</b>	1 Kg	R\$ 42,35
<b>Mimosa</b>	1 Kg	R\$ 181,50
<b>Mirindiba</b>	1 Kg	R\$ 60,50
<b>Moeda</b>	1 Kg	R\$ 302,50
<b>Murici</b>	1 Kg	R\$ 60,00
<b>Murici rasteiro / Muricizinho</b>	1 Kg	R\$ 60,00
<b>Mutamba</b>	1 Kg	R\$ 132,00
<b>Pacari</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Pata de Vaca</b>	1 Kg	R\$ 181,50
<b>Pau pereiro/Guatambu</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Pau-doce</b>	1 Kg	R\$ 130,00
<b>Pau-jaú/Pau-formiga</b>	1 Kg	R\$ 60,00
<b>Pau-santo</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Pau-terra-de-folha-larga</b>	1 Kg	R\$ 145,20
<b>Pau-terrinha</b>	1 Kg	R\$ 181,50
<b>Pequi</b>	1 Kg	R\$ 18,15
<b>Pimenta-de-macaco</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Pireque</b>	1 Kg	R\$ 120,00
<b>Sangra-Dágua</b>	1 Kg	R\$ 250,00
<b>Sao Joao</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Seca-em-pé</b>	1 Kg	R\$ 150,00
<b>Sucupira-branca</b>	1 Kg	R\$ 14,52
<b>Sucupira-preta</b>	1 Kg	R\$ 110,00
<b>Tamboril-da-mata</b>	1 Kg	R\$ 55,00
<b>Tamboril-do-cerrado</b>	1 Kg	R\$ 121,00
<b>Tatarena</b>	1 Kg	R\$ 55,00
<b>Tingui</b>	1 Kg	R\$ 18,15
<b>Vaqueta</b>	1 Kg	R\$ 70,00

Conforme vimos, é grande o número de espécies hoje coletadas na comunidade Vão do Moleque. O avanço sobre a coleta de outras espécies que outrora a comunidade não coletava se deu a partir do momento em que a Associação Cerrado de Pé adentra o território e aguça o olhar da comunidade sobre as práticas de coletas.



Foto nº 15 - Capim rabo de cavalo - acervo da pesquisadora 2023

O aguçar dos olhos da comunidade sobre as práticas de coletas e do quantitativo de sementes coletas ganhou força sobretudo, devido ao beneficiamento por espécie coletada que a própria associação compra dos coletores. Se observemos o quadro acima, cada espécie tem um valor atribuído. Esse valor diz respeito ao quilo da semente.

Sabendo que o quilo aqui apresentado tem um valor significativo, reportemos aos relatos dos coletores do capítulo anterior quando afirmam que com a coleta foi possível realizar seus sonhos na compra de utensílios domésticos tais como geladeira, TV, entre outros conforme vimos nos relatos. Mas, essa, mesma prática que leva a comunidade a realização dos seus sonhos, também leva a se preocupar mais com o meio ambiente.

O excessivo fluxo de coletores diariamente caçando sementes, causa impactos ao meio ambiente, como vimos no capítulo 2. O rompimento do ciclo produtivo das sementes, a interferência na cadeia alimentar dos animais do cerrado, são alguns indicadores possíveis de já serem vistos devido a coleta excessiva das sementes que aqui existem.

Estes impactos são vistos com maior relevância a partir, principalmente da coleta das sementes que fazem parte do prato dos moradores e da refeição dos animais como é o caso cajuzinho do cerrado e do buriti. Neste sentido, faz se necessário lançar nosso olhar sobre a importância de educação ambiental, para que a ação dos coletores sobre as espécies coletadas não nos leve para uma catástrofe ambiental na comunidade.



Foto nº 16 - Semente de caroba do campo - arquivo da pesquisadora 2023

## **5 - Coletagem e Beneficiamento**

As sementes, a princípio são caçadas pelos coletores que diariamente saem andando a pé no cerrado em busca delas. Achando, são colhidas, levadas para casa, separadas, (apuradas) e tratadas a ponto de venda. Para vender são testadas, pesadas e armazenadas para depois serem exportadas.

A Associação Cerrado de Pé, juntamente com seus coletores são responsáveis pela coleta e apuração das sementes, em seguida a Rede Semente do Cerrado as encaminha para o banco de sementes e começam a comercialização desse produto.

Os clientes que compram sementes que saem do cerrado Kalunga, estão espalhados em todo o Brasil. Muitas dessas sementes são levadas para o reflorestamento na área do desastre de Mariana, outras vão para os reflorestamentos das grandes queimadas e muitas estão sendo vendidas para cobrir áreas de devastação ambientais causadas pelas grandes monoculturas existentes no cerrado brasileiro. Além disso, muitas sementes são usadas no reflorestamento das margens e nascentes de mananciais que sofreram degradação principalmente pela ação humana. Nesse sentido, nós da comunidade Kalunga do Vão do Moleque estamos contribuindo com a biodiversidade de outros lugares e outros biomas.

Para coletar as sementes, a família toda se envolve, mas as mulheres são as principais responsáveis por tal tarefa. O marido ou companheiro e os filhos se envolvem indiretamente, de forma que possam ajudar as mulheres nos transportes de cargas, seleção, e outras ações.

O cadastro de coletor é feito em nome da mulher. Ao cadastrar, ela torna se membro da Associação Cerrado de Pé, inclusive a presidente da associação é uma mulher, a senhora Cíntia de Oliveira Silva Carvalho. As mulheres se reúnem, geralmente na Escola Maiadinha, ou no galpão de festas da comunidade, ou no armazém onde são estocadas as sementes. Na reunião são dadas algumas deliberações e tomadas algumas decisões. Ali, juntas conseguem melhor identificar as áreas e período de coleta de cada espécie encontrada na comunidade. Determinam também os dias das coletas, embora muitos coletores não seguirem à risca as decisões tomadas na reunião. São tratadas ainda, outras pautas referentes à coleta das sementes, como por exemplo, a qualidade e quantidade de sementes para entrega nas datas determinadas pela Associação Cerrado de Pé.

Elas saem para coleta em grupo ou individuais, muitas vezes enquanto um grupo colhe uma espécie o outro grupo coleta outras espécies, assim todas coletam as sementes buscando causar menos danos ao meio ambiente, pois deve se respeitar a porcentagem de 30% das sementes que precisam ficar nas árvores.

Esse percentual é uma norma adotada pela Associação Cerrado de Pé junto com a comunidade na tentativa de não causar impactos tão devastadores ao meio ambiente. Embora todos nós saibamos que esse percentual não é seguido como deveria ser, inclusive porque há uma carência de leitura e escrita em muitos coletores. E, no momento da coleta não há quem os ajudem a calcular em cada espécie o percentual acordado.

Assim, a prática de coleta apresenta uma preocupação para nós, pois como não há uma fiscalização nos momentos de coleta e com a estima de preço que se paga por cada quilo de semente coletada, é certo que os coletores querem cada vez mais serem beneficiados através das coletas realizadas. O que nos leva a entender que o percentual determinado está sendo violado.

Neste sentido, ações que poderão ajudar na fiscalização e controle das coletas e consequentemente diminuição das incidências dos impactos ambientais na comunidade Vão do Moleque, é a Associação Cerrado de Pé contratar um grupo fiscalizador, que para além de acompanhar todo o processo de coleta, trabalhará com formação continuada dos coletores. Para além disso, incentivar e apoiar os coletores com a compra das sementes não apenas para o plantio fora da comunidade, mas também na revitalização das espécies coletadas tendo uma visão sustentável a longo prazo.

As sementes coletadas trazem benefícios concretos para os coletores e coletoras. Em muitos casos beneficiam a família toda, as crianças, os companheiros e até mesmo amigos e parentes. A tarefa de coleta até o exercício da venda não é um caminho muito

simples, embora nos pareça ser, mas não é. É necessária uma força coletiva. As crianças podem e ajudam na seleção das sementes, no serviço cuidados de armazenamento, entre outras tarefas. Algumas sementes como é o caso do tingui, do jatobá, mata passo, angico, mamoinha, chichá (foto nº 17) e ipê cláíba (foto nº 18), são exemplos de sementes de fácil manejo e que tem uma participação maior das crianças juntos com os/as coletoras.



Foto nº 17 - Sementes de Chichá

A prática exigida pós coleta é a de retirada da casca e da polpa, logo, estão prontas para serem levadas ao sol por aproximadamente duas semanas até a secagem ao ponto de armazenamento. Isso deixa as sementes sequinhas para evitar desperdícios ou prejuízos no momento da venda. Pois os maus cuidados podem causar um processo que comunidade chama de “mofo” (apresentação de fungos/bactérias que alteram as características originais da semente). Esses fungos geralmente se mostram durante o tempo de armazenamento se as sementes não forem tratadas corretamente antes.

Geralmente o tempo de secagem varia de espécie para espécie, algumas perduram por um período de uma semana, como o caso do tamboril. Já o pequi necessita de um tempo muito maior, no mínimo um mês para secar e ficar prontinho para o armazenamento. Outras como o bauru e a mirimdiba quando coletados sem a polpa, basta lavar e levar ao sol por um ou dois dias e estão prontos para a armazenamento e entrega.



Foto nº 18 - Sementes de Ipê cláiba

Na comunidade Vão do Moleque hoje, existem dois pontos estratégicos de armazenamento das sementes coletadas. O armazenamento dos produtos coletados inicialmente fica em um barracão que mede 10 metros de comprimento e 6 metros de largura, ou seja, 60 m<sup>2</sup>. O barracão é construído com material típico da comunidade. É coberto de palhas de coco piaçava, e as paredes são tampadas com lonas em volta. O mesmo, com uma área aproximada de 60 m<sup>2</sup> foi construído pela própria comunidade com apoio da Associação Cerrado de Pé.

Tanto a cobertura feita de palha, quanto o fechamento das paredes de lonas são para facilitar a retirada da cobertura que servem de paredes de proteção das sementes, mas também para ventilar o ambiente de armazenamento evitando assim prejuízo das sementes.

O segundo ponto de armazenamento é um galpão construído de alvenaria e ao lado do galpão tem o viveiro para que todas as sementes coletadas passem por uma avaliação. O galpão e com o viveiro são frutos da ACP dando apoio a comunidade Coletora. Este segundo barracão, também tem uma área coberta na sua construção de aproximadamente 60 m<sup>2</sup>.

O processo avaliativo é chamado de amostra das sementes de cada coletor com cada espécie coletada. Esse processo avaliativo se dá por meio do plantio, tempo de germinação e resultado das mudas após um período estimado. É avaliado se a semente nasce bem, e se é forte, resistente o suficiente para que o cliente comprador tenha segurança na qualidade dos produtos adquiridos. Assim, os clientes compram e ficam satisfeitos com as remessas de sementes adquirida no momento sabendo que vai entregar ao mercado um produto de qualidade.

Retomando sobre a questão da coleta, ela é realizada de várias maneiras, depende de que espécie se trata, por exemplo: a coleta do angelim é feita quando os frutos maduros caem no chão. Após caírem, os coletores realizam o serviço de coleta catando semente por semente embaixo do pé da árvore.

Já a coleta de outra espécie como o Gonçalo, a colheita é feita quando o fruto está maduro e começa a cair, mas são coletados antes que todos caem no chão. Como o fruto do Gonçalo é bem leve e pode ser levado pelo vento, as coletoras estrategicamente utilizam de um lençol de pano comum ou uma lona que são esticados embaixo do pé do Gonçalo, e com uma vara comprida de madeira, derrubam as sementes que já caem no pano ou na lona, depois é só juntar e colocar para secar e está pronta para ser armazenada e destinadas ao teste de venda e entrega para os compradores. Todas as sementes coletadas e que servem de beneficiamento para a comunidade são armazenadas. Esse processo de armazenamento é um fator muito importante para a exportação e cultivo delas.



Foto nº 19 - Galpão de armazenar as sementes na Associação Cerrado de Pé. Foto cedida por membro da Rede Semente do Cerrado

A fotografia nº 19 acima mostra as sementes armazenadas no galpão da ACP em Alto Paraíso de Goiás, após serem retiradas da comunidade para a comercialização. Esse galpão mede cerca de 16m<sup>2</sup>e as vezes fica superlotado de sacas de sementes aguardando o teste de embrião e posteriormente a venda dessas sementes.

No passado, nossos ancestrais guardavam suas sementes próximas ao calor do fogo para além de evitar a umidade externa do ar podendo um fungo ou bactéria proliferar ali, utilizava desta estratégia porque também a fumaça do fogo acesso no fogão a lenha ajudava no combate aos fungos e proteção das sementes que utilizavam para replantio. Assim,

também protegia as sementes dos insetos indesejados, bichos invasores e roedores como o caso do caruncho (*Sitophilus granarius*), ratos etc. que destrói a vida útil dos grãos. Já outras sementes como o gergelim, eram estocados em sacos de estopas guardados em locais secos e bem arejados.

Todas as sementes coletadas hoje, devem ser colocadas em sacos de linhagem (é prático e não contém umidade). O de linhagem é utilizado porque garante a vida útil das sementes coletadas, com capacidade de arejamento entre as sementes ali colocadas.

As sementes coletadas são pesadas e anotado no saco a data da colheita, o peso, a espécie e o nome do coletor para evitar que se misture com os sacos dos demais coletores. Dentro de cada saco com cada espécie (foto nº 20), junto com as sementes, deve conter um saquinho com um pouco de sementes separadas para servir como amostras dessas sementes.



Foto nº 20 - Sacos de linhagem com sementes armazenadas.  
Arquivo da pesquisadora 2023

São essas amostras que vão dizer se aquelas sementes estocadas possuem qualidade para a venda e se estão boas para o plantio. As amostras são cultivadas e estudadas para verificar se suas sementes possuem todos os nutrientes necessários para se tornar uma nova árvore capaz de cumprir o seu papel no grande ciclo da vida. Assim, há um esforço gigante da comunidade em garantir a qualidade das sementes coletadas e vendidas, embora nós saibamos que de alguma forma isso causa impacto no meio ambiente, seja ele de maior ou de menor grau.

## 6 - Espécies

A definição de espécies pode ser compreendida do ponto de vista da diversidade de plantas que existem no cerrado Kalunga, cada uma com uma característica bastante peculiar. Há espécies de que são parcerias dos/as coletores de sementes, mas há também espécies em que as sementes não são coletadas porque não tem uma finalidade direcionada fora do seu habitat natural. Cunha (2015, p 46) vai dizer que “*uma espécie evolui ao lado de outras espécies, e é isso que nos torna tão comum entre as características da diversidade da vida*”.

Há espécies que são consideradas nocivas, outras consideradas invasoras, algumas consideradas como defensoras de ervas daninhas nos cultivos locais. A diversidade de espécies no cerrado Kalunga é encantadora, mas nem todas as espécies são coletadas sementes e beneficiam as famílias residentes. 99,99% de todo o cerrado é originalmente formado por espécies nativas.

As espécies nativas como o jatobá, cagaita, murici, mangaba, caju jacarandá, jacaré, mutamba, pequi, mulato, angico, aroeira, ipê, mirimdiba, açoita cavalo, tamboril, entre outras da comunidade Kalunga Vão do Moleque, apresentam com maior potencialidade em toda a comunidade. São espécies de acesso mais facilitado e com produção de maior escala.

Dentro do território, as espécies variam de pequenos arbustos a grandes árvores, tipicamente do cerrado, arvores tortas de cascas grossa, finas e cascas lisas cada uma com uma característica específica que as definem e nos ajudam a identificar e diferenciá-las também pelos arbustos na caçada às sementes.

As espécies de casca grossa como é o caso da Cagaita, do jacarandá, do jatobá, do angico, dentre outras, a casca grossa é uma estratégia de sobrevivência destas espécies, ela serve para proteger a arvore das queimadas, do frio do calor do sol muito quente, e geralmente essas espécies perdem as folhas no período da floração. O jatobá por exemplo, perde as folhas entre os meses de agosto a novembro para economizar sua água para o período de floração, garantindo assim a sobrevivência da espécie e a qualidade na produção dos frutos. Já as espécies que possuem cascas finas são mais atacadas pelas queimadas indesejadas, e pelo sol muito quente no tempo da seca.

Mas, cada espécie tem e reconstrói suas estratégias de sobrevivência. Sobreviver e dar seguimento ao ciclo produtivo da vida de sua espécie. Seja perdendo as folhas, ou utilizando mínimo de água, ou até mesmo descartando os frutos fracos e doentios para que assim seja possível a seleção na reprodução dando vida a seus frutos para que eles sejam fortes e saudáveis e garanta início a um novo ciclo de vida.

A coleta de sementes perpassa o ano todo, pois depende da estação que tal semente são produzidas pelas árvores, como mostra o quadro a seguir com algumas arvores do cerrado da comunidade Vão do Moleque.

A relação de arvores abaixo mostra o período de floração, de coleta e o tempo que cada espécie de semente coletada pode ficar armazenada.

**Tabela 4 - Quadro de espécie, período produtivo e tempo de coleta das sementes**

Nome popular	Nome científico	Período da floração	Período da coleta	Tempo de armazenamento
<b>Jatobá</b>	Hymenaea courbaril	Dezembro a fevereiro	Agosto e setembro	Até 18 meses
<b>Baru</b>	Dipteryx alata	Janeiro e fevereiro	Junho a agosto	Até 18 meses
<b>Caju</b>	Anacardium occidentale	Junho a agosto	Julho a setembro	Até 18 meses
<b>Pequi</b>	Caryocar Brasiliense	Junho e julho	Outubro a dezembro	Até 2 anos
<b>Angelim</b>	Dinizia excelsa Ducke	Julho e agosto	Outubro a dezembro	Até 1 ano
<b>Ipês</b>	Handroanthus	Agosto a setembro	Novembro e dezembro	Até 6 meses
<b>Aroeira</b>	Schinus terebinthifolia	setembro	Entre dezembro e janeiro	Até 1 ano
<b>Mutamba</b>	Guazuma ulmifolia	Março a setembro	Novembro a março	De 6 a 8 meses
<b>Gonçalo</b>	Astronium fraxinifolium	Agosto a setembro	Outubro a novembro	De 3 a 6 meses
<b>Angico</b>	Anadenanthera macrocarpa	De setembro a novembro	Junho a agosto	Até 1 ano
<b>Tamboril</b>	Lophius	De setembro a novembro	Julho e agosto	Até 1 ano
<b>Tingui</b>	Magonia pubescens	De abril a maio	novembro	De 3 a 6 meses

Estas espécies tipicamente do cerrado, tem em abundância na comunidade Vão do Moleque, são as espécies mais comuns em que a comunidade faz coleta com maior destaque.

Os benefícios trazidos pelas espécies coletadas são vários, embora o meio ambiente esteja sofrendo impactos e nós também. É necessário, para resolvermos isso, a educação ambiental dos coletores para fortalecer a conscientização deles. Esta capacitação pode ser feita pela própria ACP. Os benefícios também podem ser compreendidos não somente da perspectiva de venda das sementes, mas também da extração das polpas como no caso do jatobá que para se ter a semente é preciso retirar a polpa. A polpa serve para produção de bolos, tortas, sorvetes, vitaminas, entre outras

O processo de coleta para o beneficiamento por meio das sementes é simples e fácil de se realizar. Somente com a colheita dos frutos, a retirada da poupa e colocar a semente para secar você já tem dois produtos que te trazem benefícios, a poupa e o caroço que estamos chamando aqui de semente.

Outras, como a mutamba é mais demorado e um pouco mais complicado o processo, exigindo dos coletores paciência e sabedoria. É necessário colocar a castanha para secar, levar ao pilão para socar e, após socar realizar a separação entre as sementes e o restante do material que foi socado. Em seguida, apurar as sementes e armazenar. Já em outros casos como a aroeira, é somente colher as sementes e colocar para secar e armazenar e estará pronta para a exportação ou para o cultivo imediato.

Vejam que a coleta e o beneficiamento são processos que a todo instante nos mostram como as comunidades tradicionais, historicamente construíram suas estratégias de sobrevivências no seio das suas localidades mais distantes e remotas do seio urbano. São estas experiências que nos ensinam como nos relacionar com a Natureza de uma forma menos agressiva, porque exige da gente um tempo de observação e espera até o momento de coleta das sementes.

O que fica entendido aqui então, é que a coleta ocorre em vários momentos com processos por vezes distintos dependendo de cada espécie e de cada época da sua realização. Já o beneficiamento, ocorre de certa forma por meio de dois processos. O primeiro é o beneficiamento direto das famílias nos aproveitamentos do que é possível com cada espécie ser utilizados para complementar os pratos da mesa, para questões relacionadas a saúde dentre outras ações que possa ser utilizada. Enquanto o beneficiamento indireto se passa pela necessidade desenvolvimento de todo um processo até o resultado que é a venda das sementes em troca de valor monetário.

## **CAPÍTULO III**

### **COLETAR É VIVER, RESISTIR PARA VENCER**

O que é ser coletor de sementes? A definição de coletor passa por uma compreensão redutiva que temos sobre uma determinada ação de organização na perspectiva ambiental. Mas, na verdade, coletar não cabe apenas na ideia de pegar o que de certa forma está pronto e disponível no ambiente, mas construir reflexões teóricas e práticas com ações concretas de políticas de desenvolvimento que incidam sobre as nossas vidas de sujeitos negros, de territórios e comunidades tradicionais. Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo demonstrar a visão dos coletores de sementes sobre esse ofício.

#### **1 - Coletores de Sementes na Comunidade Vão do Moleque**

Os coletores de sementes da comunidade Kalunga Vão do Moleque formaram um grupo organizado de mulheres, homens, jovens e adultos que iniciaram a coleta por meio da organização em 2017. De acordo com minha pesquisa de campo e por meio de um encontro de coletores na comunidade promovido pela Associação Cerrado de Pé, foi possível constatar o início dessa organização.

Antes da chegada da ACP, a comunidade já coletava algumas espécies de sementes e de frutos do cerrado, prioritariamente aquelas que eram comestíveis, que serviam para compor o prato das nossas mesas ou para venda e troca por outras necessidades, como por exemplo, pedaço de tecidos entre outras coisas. Por mais fosse uma coleta do ponto de vista da garantia do direito a alimentação e a outras necessidades básicas, o modo como a comunidade praticava a ação não era suficientemente sustentável, devido a coleta centralizar apenas em algumas poucas sementes e frutos do cerrado.

Com a chegada da ACP, houve, num primeiro momento um impacto muito grande ao ambiente, pois despertou o interesse de muitos moradores pela coleta. A ACP apresentou uma diversidade de espécies como possibilidades de negócio e de geração de renda. Neste sentido, um número muito maior de pessoas da comunidade começou a se interessar em fazer parte da Associação.



Foto nº 21 - Acolhida das novas coletoras da comunidade Vão do Moleque, momento de aceitação das novas coletoras com boas vindas.

Entretanto, com o aumento do número de coletores houve uma caçada pelas sementes de uma forma muito mais acelerada e desenfreada. Vendo o desastre que isso causaria ao ambiente e a insustentabilidade do projeto, a Associação Cerrado de Pé buscou capacitar os coletores para nos conscientizar e reverter a situação alarmante. Adotou como critério de coleta um percentual de 30% da capacidade produtiva de cada espécie a serem coletadas pelos coletores. Essa medida, fez com que a comunidade mudasse as ações de coleta e fortalecesse a relação com o ambiente, tanto do ponto de vista da apropriação de técnicas de coletas, como da preservação das espécies coletadas, bem como ainda da perspectiva da redução dos impactos que causariam na cadeia alimentar da diversidade de animais que dependem dos frutos e sementes do Cerrado Kalunga.

Hoje o número de coletores, conforme antes apresentado, é muito alto, mas existe um controle de coleta, o acompanhamento da ACP e a visão de que é preciso preservar para evitar desastres ao ambiente e na própria vida. Coletar hoje então, tornou-se uma atividade que requer respeito e valorização com o ambiente. Essa mudança no consciente das pessoas nos direciona para o debate sobre educação ambiental, tema que não é o foco deste trabalho.

Com a chegada da ACP, foi possível ampliar a nossa visão sobre a diversidade produtiva do cerrado e que as sementes das árvores de nossos próprios quintais, que estavam sendo desperdiçadas, poderiam ser aproveitadas e render um bom dinheiro. Hoje, a rede coletora Kalunga de sementes do cerrado é formada por mulheres e homens, jovens e adultos que soma 70 integrantes, como colocado acima. A depender da quantidade de sementes que coletam, cada indivíduo pode receber por mês um salário mínimo ou mais.

Assim, o requisito básico para se tornar coletor e entregar os produtos coletados com uma concentração de renda melhor organizada é associar-se a Associação Cerrado de Pé. Como membros associados, os coletores de sementes se debruçam no cerrado Kalunga em busca da diversidade de sementes que são comercializadas. Vão nos locais mais desafiadores para garantir que o seu produto será também entregue a Associação.

Os coletores agem individualmente e por vezes em pequenos grupos que saem na caçada das sementes. Orientados sobre o manejo correto da coleta, cada indivíduo é responsável por sua ação de coleta e do controle sobre ela para não trazer tantos danos ao ambiente. Após as sementes coletadas, elas passam por um processo de secagem e de testes antes de serem comercializadas. Os testes são para verificar a autenticidade dos produtos, uma vez que serão sementes usadas para restauração de áreas degradadas.

O cerrado Kalunga oferece na sua diversidade produtiva, a possibilidade maior de coleta de sementes no período da seca, ou seja, entre os meses de abril e outubro. É na seca que vemos o trabalho de busca pelas sementes mais raras da comunidade. Sobre este período Cunha (2018, p. 123) diz que a seca é o “Verão - compreensão do período de seca que hoje é uma variável que corresponde ao intervalo de tempo entre o mês de abril a outubro”.

Somado ao período da seca com o período chuvoso ou das águas, a comunidade Vão do Moleque forma um todo emaranhado de riqueza e de belezas naturais que não se limita no acervo das sementes coletadas. A diversidade de sementes apresenta também uma diversidade de preço e de renda dos coletores. Cada espécie coletada tem um preço que varia entre R\$ 6,00 (Seis reais) à R\$ 300,00 (Trezentos reais) dependendo da espécie. Neste sentido, as sementes mais raras também são as mais caras.

De acordo com as informações de Luana Santa Brígida (2020), a cadeia produtiva é dividida em três grupos: os gestores, a Associação Cerrado de Pé e os coletores. Os gestores são os apoiadores, instituições parceiras, Associação de coletores de sementes do cerrado, coletores associados na Associação Cerrado de Pé e moradores local. É esse grupo o responsável por toda a logística das sementes, que vão desde as formações dos coletores, a coleta das sementes, o beneficiamento, a entrega das sementes, os testes embrionários das sementes e pôr fim a venda das sementes.

Dito isso, o passo a passo deste processo é, a caminhada, a coleta, a seleção por espécies, a secagem, a embalagem, o teste, a comercialização e a apuração do lucro com base na diversidade e na quantidade que cada sujeito ou coletivo conseguiu coletar. Segundo relatos de coletores, a coleta de sementes faz a diferença na vida das pessoas no Vão do Moleque.

Raquel Santiago é agricultora e vive basicamente da agricultura de subsistência e vê na coleta de sementes a oportunidade de dar uma vida melhor para as filhas. Para Raquel, *“ser coletora é ser dona da própria vida, é saber que no final da coleta terei uma graninha para comprar minhas coisas, é saber que minhas filhas terá uma roupa nova, um par de sapato, além de melhorar a qualidade da alimentação de minha família”*. Para ela a coleta de sementes não causa impactos negativos no cerrado, *“pois estou coletando direitinho como a Cerrado de Pé está me ensinando, sem retirar todas as sementes dos pés das árvores”*.

Nota-se que Raquel nos apresenta dados que nos leva a reflexão sobre as políticas de desenvolvimento social dos povos e comunidades tradicionais. Ao afirmar que ser coletora é *“ser dona da própria vida”* ela nos traz a sua alegria de poder exercer o seu direito de liberdade e de realização, ao mesmo tempo em que nos mostra que a atividade da coleta possibilita a complementação alimentar e outras necessidades básicas.

Raquel também afirma seguir as orientações de como coletar de forma segura e sustentável. Essa afirmação nos coloca diante de uma missão, que é a de junto com essas coletoras, criar outros caminhos possíveis de atividades para uma sustentabilidade mais duradoura. Pois, por mais respeitadora que seja a coleta em relação ao meio ambiente, estamos sujeitos a mudanças climáticas drásticas que impactará todas as vidas e as sementes hoje coletadas, não seremos mais capazes de encontrá-las em um curto período.



Foto nº 22 - Reunião para a entrega dos kits, materiais, livros, panfletos, balanças, camisetas e sacos para colocar as sementes beneficiadas para as novas coletoras da comunidade Vão do Moleque.

Outra coletora é Ana Fernandes Maia. Segundo Ana, foi com a coleta de sementes que “[...] *foi possível adquirir meus móveis de casa. Eu comprei meu freezer que tanto sonhei com as coletas de sementes*”, diz Ana sorrindo. Perguntada se a coleta de sementes pode causar impactos no meio ambiente? Ela afirma que: “*Acho que não, mas precisa saber coletar, não pode pegar tudo do mesmo pé de pau e nem colher tudo que está debaixo do pau*”. A coletora Ana, num primeiro momento do diálogo, traz em sua fala a mesma preocupação e empolgação com o desenvolvimento da autonomia econômica de poder exercer um trabalho e por meio dele adquirir aquilo que sonha e que de outro modo ainda não tinha sido capaz conquistar. Nesse sentido, me junto a noção de autonomia trabalhada por Hernández (2010, p. 96) quando analisa o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras,

Entende-se por autonomia a autodeterminação e independência de uma pessoa na capacidade de definir as próprias metas e agir em consequência dela. Logo, a autonomia econômica refere-se à sua capacidade de gerar renda e de decidir tanto sobre a forma como essa renda é utilizada quanto para gastos próprios e familiares.

Num segundo momento da fala de Ana Fernandes Maia, ela nos apresenta um dado importante quando afirma que “*a melhor coisa é levar um pouco do nosso território para outros lugares sem faltar aqui*”. Essa afirmação, nos mostra um redirecionamento da visão das práticas de coletas. O que se vê aqui é o desejo de mostrar para outras pessoas um pouco da nossa identidade, da nossa diversidade do cerrado Kalunga e ao mesmo tempo um chamado para a sua preservação quando ela finaliza sua afirmação dizendo “*sem faltar aqui*”.

É evidente no relato da entrevistada que a coleta de semente traz um sentimento de realização de sonhos, que por outros caminhos talvez não seria possível de realização. Pois, a ausência de Políticas Públicas ou de outros projetos na comunidade que pudesse dar a esses moradores a condição de sonhar e de realizar ainda é grande, e só através da coleta das sementes que tem garantido o direito básico para a subsistência.

Arrisco em dizer de que se continuarmos com a ação de coletas sem políticas públicas que atenda realmente as necessidades desta comunidade que vai além do que traz as coletoras em seus relatos, não poderemos salvar nenhuma dessas espécies coletadas e muito menos nos salvar com a prática de coletas nos próximos anos. Por isso, que a política pública de regularização fundiária de todo o território Kalunga tem que continuar e retirar os ocupantes não quilombolas. Com isso, teremos mais espaços para a coleta de sementes não

prejudicando tanto uma certa região com a retirada das sementes. Abaixo trago as visões das coletoras sobre a coleta de sementes e o que a coleta mudou em suas vidas.

De acordo com a coletora Faustina Marques “*a coleta de sementes é uma forma de aproveitar o que a natureza não precisa, são tantas sementes caída aqui no terreiro que eu jogo fora para limpar o terreiro, e agora posso coletar e vender para arrumar minha casa e comprar minhas coisas*”. Ela vê na coleta de sementes o sonho de comprar seus utensílios domésticos. Com as sementes de seu quintal ela consegue melhorar a qualidade de vida de sua família.

Para Faustina ser coletora de sementes “*é deixar de depender das outras pessoas, é ter o meu próprio dinheiro e fazer dele o que eu quiser*”. Essa fala nos mostra mais uma vez como tem sido a negação das políticas de apoio ao desenvolvimento da autonomia dessas mulheres. Primeiro, por um processo histórico de racismo e machismo, segundo, pela negação de políticas públicas sustentáveis para o desenvolvimento social e econômico dos povos e comunidades tradicionais como é o caso do Vão do Moleque.

Segundo Faustina a coleta de sementes pode causar impactos negativos no Cerrado, pois “*se pegar tudo que está no pé da árvore, sim. Porque se pegar tudo, os animais não vão ter o que comer, aí eles vêm para dentro de casa a procura de alimento*”. O rompimento da cadeia alimentar dos animais faz com que mudem de hábitos e essa mudança pode afetar a nossa saúde, a nossa produção agrícola, dentre outros fatores.

De acordo com Faustina, a atividade de coleta é “*aproveitar o que a natureza não precisa*”. Entretanto, se formos verificar a quantidade de espécies e o número de sementes produzidas por elas, podemos dizer que a natureza realmente produz um excedente. Mas o fato é que ao afirmar que a natureza não precisa, estamos negando a continuidade de nossas próprias espécies. Pois, essas espécies produtivas, assim como o ser humano, nascem, crescem, reproduzem, envelhecem e morrem. Daí percebemos que a natureza precisa das suas sementes tanto quanto nós.

Elenita Fernandes Moreira vê na coleta de sementes a oportunidade de um ganho extra para somar a remuneração recebida para manter as despesas da casa e conseguir pagar a sua faculdade, melhorando assim a qualidade de vida de sua família. Segundo Elenita,

Minha vida modificou muito, principalmente sabendo que as sementes que eu coleteo são levadas para serem plantadas nas áreas de devastação ambiental, e fico feliz de receber pelas sementes e posso contribuir um pouco mais na ajuda de casa com um ganho a mais.

Fico muito grata de saber que as sementes que eu coletei vai reflorestar as áreas devastadas em outras localidades.

Para Elenita a coleta fez com que ela tivesse uma outra visão da natureza, *“Antigamente quando eu ouvia falar da coleta de sementes, não significava muita coisa, mas hoje significa muito, eu não via as árvores como vejo hoje. Elas são valiosas dignas de respeito e admiração”*. Trazer na sua fala a expressão *“antigamente”*, nos faz dar uma volta no tempo e lembrarmos de um período em que a nossa cultura só tinha valor para nós daqui da comunidade. Ainda segundo ela, a coleta de sementes *“não significava muita coisa”*. Isso quer dizer que estas sementes, aqui na comunidade Vão do Moleque, tinham apenas valores simbólicos, de produção, de complemento da mesa das famílias, mas não tinham um valor monetário que pudesse instigar a comunidade a se beneficiar de outra forma se não das relações recíprocas que aqui exerciam e ainda exercem.

Com relação a possíveis impactos que a coleta pode causar, Elenita afirma *“que sim, no sentido que vai ser plantadas as sementes nas áreas devastadas, mas se retirar todas as nossas sementes daqui ficaremos sem sementes também e podemos precisar reflorestar o nosso território também”*. Uma coisa interessante na fala de Elenita é o impacto positivo em relação ao meio ambiente que a coleta de sementes possa causar. Ela afirma, *“Acho que sim, no sentido que vai ser plantadas as sementes nas áreas devastadas [...]”*. Para ela a coleta de sementes ali vai mudar a realidade de outros espaços e ambientes, principalmente os mais devastados que são o foco do projeto de coleta aqui na comunidade Vão do Moleque. Dito isso, a impressão que temos com esta afirmação é a de que essas e as demais coletoras estão cientes dos impactos positivos e negativos e por isso buscam realizar a coleta com sabedoria, autonomia e segurança.

Maria Delice dos Santos Rosa, uma das coletoras mais antigas, coleta desde 2017, afirma que *“ser coletora é muito bom, sou das primeiras coletoras daqui do Vão do Moleque, e vejo na coleta um meio de aumentar minha renda”*. De acordo com ela, *“coleta modificou muito minha vida. A coleta já faz parte da rotina de minha família. Coletamos juntos aqui em casa. Somos todos coletores, isso significa que a coleta une as famílias em prol de um objetivo. Coleta consciente”*. Os impactos causados no meio ambiente pela coleta de sementes, segundo Maria Delice,

vai depender de como for feita a coleta de sementes, se for feita sem controle, coletando todas as sementes das árvores, vai causar sim um impacto muito ruim para o nosso meio ambiente, mas se for controlada como é dito durante as formações da Cerrado de pé, não terá impacto negativo em nosso território.

Nas falas das coletoras entrevistadas nos mostram que a coleta de sementes pode causar impactos positivos ou negativos, dependendo da forma como é realizada a coleta. Por um lado, como já dissemos e elas reafirmam, que a coleta sem controle e sem respeito as regras estabelecidas vão rapidamente influenciar para que haja uma mudança rápida e negativa no meio ambiente.

Contudo, apesar de a coleta ainda não apresentar impactos consideráveis no meio ambiente em relação a produção das sementes, essa ação nos mostra no fundo, pequenos impactos que pode estar passando despercebidos pela comunidade. A exemplo da mudança na cadeia alimentar de muitos animais e aves, sendo, o percentual deixado nas árvores pelos coletores, insuficientes para a sustentabilidade destes bichos. Por causa disso, sem a regularização de todo o território Kalunga a área de coleta a curto prazo pode sofrer impactos negativos, pois, é crescente o número de famílias coletoras. Visto que, no ano de 2017, quando iniciou o projeto, éramos apenas uma média de cinco famílias de coletores. Hoje, seis anos depois, temos mais de 50 famílias quilombolas que se beneficiam dessa profissão.

As experiências de vidas apresentadas aqui, pelas coletoras de sementes, nos mostram quanto conhecimento de causa e de luta em busca do direito básico e da própria garantia da vida. Isso reforça e reafirma o compromisso que os povos desta e de outras comunidades tradicionais têm em buscar garantir a preservação das suas vidas, de suas identidades e do meio ambiente.

Outra questão colocada nas falas das mulheres coletoras é que a coletagem de sementes fez e faz a diferença em suas vidas. Pois, após passarem a ser coletoras, a renda familiar aumentou, criaram certa independência, além de melhorar a qualidade da alimentação, passaram a compreenderem melhor o processo de coletagem, e tudo isso passou a fazer sentido na vida de cada uma delas

## **2 - Os Conhecimentos do povo Kalunga sobre o uso sustentável da flora local**

Nós enquanto Kalunga, de modo geral, carregamos em nossa identidade desde muito tempo, conhecimentos que nós mesmos construímos e adquirimos através da relação com a natureza. Conhecimentos sobre o uso das ervas medicinais, extrativismo dos frutos do cerrado, da agricultura de subsistência, da coleta de sementes, da cultura de folia, rezas, sussa, benzimentos, entre outros.

O que nos interessa neste estudo, sobretudo neste item, é mostrar como nossos conhecimentos tradicionais sobre a diversidade de saberes e fazeres tem contribuído para a subsistência nossa e na preservação da biodiversidade da fauna e sobretudo da flora local.

É bem verdade que a nossa intimidade com a natureza ultrapassa o que as ciências afirmam sobre isso. Quando se fala de uso sustentável relacionado aos povos originários, temos uma certeza, a de que essas comunidades, são verdadeiras protetoras e conservadoras do meio ambiente. Sabemos os tempos e os espaços essenciais à coleta de sementes, bem como da forma como a natureza se organiza e oferece a nós a sua diversidade produtiva. Esse respeito e relação com a natureza é visto da perspectiva do grupo organizado de coletores de sementes, mas não somente.

Do ponto de vista da preservação e da sustentabilidade, esses conhecimentos levaram o território Kalunga a ser reconhecido como Patrimônio Cultural há mais de duas décadas. Adão Fernandes da Cunha (2015, p. 32), quilombola Kalunga, afirma que:

A sustentabilidade está relacionada à capacidade de compreensão sistêmica da vida, sendo que o uso inadequado ou superexploração dos recursos disponíveis nos ecossistemas compromete a vida de toda espécie num território e, mais amplamente, no planeta como um todo [...].

Conforme apontou Cunha, a sustentabilidade está ligada a compreensão do que é a vida e do sentido de viver, sendo esta, interrompida ou comprometida pela ação desordenada e desequilibrada do homem. Isso nos leva a pensar sobre a exploração dos recursos naturais como forma de acúmulo de capital e sobre os desequilíbrios ecológicos que estamos pouco a pouco vivendo. Uma outra questão central nesta discussão, em relação ao meio ambiente, e a sustentabilidade, é a língua do nosso povo na comunidade. Adão Fernandes da Cunha (2015, p. 36) citando Couto (2007) e Makkai (1993) informa que:

[...] a língua é um sistema de subsistemas parcialmente dependente e parcialmente independente que forma uma ponte de duas mãos entre a cognição humana por meio do qual seres humanos reais em sociedades humanas terrestres comunicam uns com os outros em diálogos, ou consigo mesmos em monólogos. (MAKKAI 1993, p. 141 apud COUTO, 2007, p. 99)

Sobre esta afirmação o que nos interessa é entender que a coleta de sementes é também permeada por uma relação ecolinguística, ou seja, uma relação entre língua, povo e o meio ambiente. Essa relação nos permite ainda afirmar, que a diversidade linguística da comunidade Vão do Moleque sobre o cerrado, demonstra como estes povos se organizaram

ao longo dos tempos e construíram estratégias de comunicação entre si e com o ambiente conforme afirmado acima.

Cunha (2015, p.36) afirma ainda que “[...] a estrutura da língua reflete a estrutura do pensamento, e a estrutura desse, reflete a da realidade [...]”. É na reflexão sobre a realidade da comunidade que vamos entender o quanto os povos originários têm contribuído na perspectiva da sustentabilidade ambiental, mas não somente, também sobre a práticas de sobrevivência construídas ao longo das nossas experiências com os desafios que a própria comunidade nos apresenta.

Mas, não poderíamos discutir sobre sustentabilidade na perspectiva dos frutos e sementes do cerrado, sem falar também do conceito de Etnobotânica. Segundo Cunha (2015, p. 38),

A etnobotânica consiste no ramo da ciência que engloba todos os estudos condizentes às inter-relações mútuas entre meio ambiente (plantas) e povos tradicionais. De maneira mais ligeiramente clara, ela é o estudo das relações entre populações e plantas. O objeto se restringe ao uso de plantas por povos tradicionais das comunidades rurais, isso justifica a inclusão do conhecimento etnobotânico (etnozoológico) da comunidade rural que discutiremos posteriormente. Na verdade, o que interessa aqui é o conhecimento que esses povos têm das plantas, o uso que fazem delas e como as tratam e se esse conhecimento está sendo repassado de geração para geração.

No que tange os conhecimentos da nossa comunidade em relação ao uso das plantas, é evidente que esses conhecimentos ultrapassam os limites de coleta das sementes. É bem verdade que temos um conhecimento baseado em um calendário agrícola e sociocultural local ainda invisível às políticas públicas. E, é bem verdade também, que as nossas práticas em relação a esses conhecimentos se dão tanto no âmbito das sementes como de inúmeras outras utilidades que estas mesmas plantas têm. Como por exemplo, uma mesma planta de onde extraímos a semente para comercialização pode servir como medicina, como madeira utilizada na construção das casas Kalunga, entre outras utilidades. O autor supracitado, que é Kalunga, informa também que,

Em suma, nessas comunidades tradicionais é notória a quantificação de espécies de vegetais e a diversificação do conhecimento etnobotânico entre homens e mulheres. Couto (2007, p. 232) registra que “o conhecimento da flora local é maior entre as pessoas do sexo masculino”. O fato é que mesmo tendo sido as mulheres que, na história da humanidade, descobriram a agricultura, os homens, de certa forma, lidam mais com as plantas do que as mulheres, em específico no uso das plantas para construção de casas kalungas. (CUNHA, 2015, p. 38)

Dito isso, o que fica mais uma vez evidente, a fortaleza da relação entre os sujeitos da comunidade e o ambiente. O autor afirma que a relação dos homens com as plantas que serve de utilidade para construção de casas Kalunga é superior a relação das mulheres com elas. No entanto, no que se refere ao conhecimento etnobotânico em detrimento da coleta de sementes e para uso na medicina tradicional, essa relação acontece ao contrário, as mulheres lideram esse legado cultural. Sobre o conhecimento etnobotânico Kalunga. Neste sentido, Cunha (2015, p. 39-40) vai dizer que,

Sabemos que o conhecimento etnobotânico Kalunga vai muito além do conhecimento sobre as plantas, isto é, está relacionado a outros elementos bióticos e abióticos do meio ambiente em que vivem os membros das diversas comunidades. Mas, sem dúvida alguma, é inquestionável a importância das plantas para manutenção da vida humana e de tantas outras espécies de seres vivos no planeta.

O que acaba de ser dito pelo autor, reafirma o que já dissemos antes, que as vivências e experiências dos Kalunga com relação ao ambiente, está muito além do que a ciência tem afirmado. O autor continua afirmando,

O uso da flora apresenta-se como algo fortemente vinculado ao saber tradicional e cultural das comunidades locais, possibilitando o conhecimento preciso sobre as plantas para fins de sustentabilidade da vida local, basicamente como: alimentação, remédios e uso na construção de casas, como já discutido. Cabe lembrar ainda que o interesse humano pelas plantas, como salienta Araújo (2014), foi o responsável pelo desenvolvimento da agricultura e urbanização, o que ocasionou mudanças nos espaços geográficos e a perda da diversidade da flora. (CUNHA, 2015, p. 40)

Com esta afirmação o autor nos chama atenção para duas questões cruciais, as quais são de centralidade na discussão deste trabalho que versa sobre a coleta de sementes do cerrado Kalunga. A primeira é a preocupação com a sustentabilidade. E, que falamos de sustentabilidade isso envolve um conjunto de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que de alguma forma impactam a vida dos sujeitos e do território onde vivem.

Do ponto de vista político, quando falamos de sustentabilidade é possível sentir o quão grande é a carência das comunidades tradicionais com políticas que os ajudem a construir projetos sustentáveis sem que haja um desequilíbrio ambiental. Do ponto de vista econômico, vemos pouco a pouco pela influência do capital, as comunidades disputando espaços de coletas na busca da realização do desejo de ser e ter.

A segunda questão central a que discutimos aqui é a desconfiguração do espaço geográfico. Esta desconfiguração está na maioria das vezes atrelada a outros interesses, de

grileiros de terras, fazendeiros, que chegam nas famílias mais carentes e oferecem migalhas em troca das terras e suprime os espaços de vivência e de relações com o ambiente. Levando as famílias a perderem a sua identidade, seus modos de vida sustentáveis enquanto assiste o acelerado e desenfreado sistema monocultural devastar toda a riqueza do seu espaço tradicional.

Araújo (2014, p. 101) e Cunha (2015, p. 40) nos reportam sobre o conhecimento etnobotânico Kalunga dizendo que,

O conhecimento etnobotânico kalunga também se estende à diversidade do Cerrado” (ARAÚJO, 2014, p. 101) e do território na medida em que a população vai ocupando o campo como espaço de vivência e de desenvolvimento social nas comunidades tradicionais. Em meio às caminhadas realizadas nas matas e cerrados da comunidade, descobri, com a ajuda dos entrevistados, algumas espécies e habitats de árvores, como será apresentado no capítulo de análise.

Sobre esta afirmação, o que é perceptível é o registro dos nomes das plantas e de lugares em uma linguagem empírica como parte viva comprovada dessa identidade da comunidade construída a partir da relação com a natureza e sobretudo com as plantas sementeiras.

### **3 - A luta do povo Kalunga pela preservação da história, memória e identidade a partir dos conhecimentos tradicionais.**

Lutar pela existência e pela preservação da nossa memória e história, tem sido uma tarefa árdua que ainda se resvala na história da luta dos escravizados pelo direito a vida e pela liberdade. Os conhecimentos dos nossos povos estão enraizados nesta luta, por isso, há uma busca constante na tentativa de preservar a nossa história, memória e identidade.

Falar em história, memória e identidade hoje, nos remete a questão da discriminação, preconceito racial, racismo estrutural e institucional. Pois ao longo dos tempos, os povos do campo, quilombolas, indígenas e outros vem enfrentando uma forma muito perversa de como a sociedade pensa sobre nós.

Há um pensamento lógico possível de perceber dessa sociedade, é o de que nós, sujeitos do campo não somos capazes de gestar nossas próprias vidas. Nem mesmo dignos de viver igualmente gozando dos direitos sociais civis. Assim, a construção das ditas políticas públicas pelas mãos daqueles que continuam tentando nos oprimir, na sua maioria os brancos com poder econômico elevado, pensa essa construção para benefício das minorias que na verdade não passa de um grupinho político elitizado. Esse pensamento se reverbera

quando por exemplo, adentramos às comunidades quilombolas e visivelmente detectamos a desestruturação de saneamentos básicos para os cuidados da vida desses sujeitos.

Ao longo dos tempos, os espaços do campo onde instalaram grupos africanizados, descendentes de negros que foram outrora escravizados, ou outros sujeitos e que hoje são os quilombos que resistiram as más condições de vida em defesa da sua liberdade e do direito de viver, sempre foi tido como lugar de pobreza, um espaço improdutivo pelas mãos de quem essas terras habitam. Assim, a ausência ou a carência de políticas públicas nestes espaços, se justifica também pela visão de incapacidade que se tem destas pessoas em mudar a sua própria história, sua própria realidade, garantindo assim a sustentabilidade e a sua participação na transformação de mundo maior.

Assim, as tentativas de apagamento das nossas culturas e da nossa identidade tem sido diariamente planejada. A introdução de outras culturas várias, sobrepondo valores em relação a nossa é sem dúvida um plano que tem impactado a vida de muita gente, principalmente dos jovens. Pois, nota-se um interesse muito grande dessa juventude em se prender nos telefones e internet do que em relação as aprendizagens da coleta de sementes e uso das mesmas no contexto social comunitário.

O desinteresse dessa juventude pela vida na comunidade tem nos colocado frente a um desafio gigante. O primeiro é o de pensar e implementar políticas que de fato atendas as suas necessidades e respeite as nossas especificidades. O segundo é o de mostrar a nossa capacidade de fazer com que os outros vejam, reconheçam, respeite e valorize a nossa cultura.

Frente a estes desafios, a luta da comunidade em defesa da nossa história, memória e identidade, tem trilhado caminhos espinhosos, buscando fazer com que os sujeitos do campo se reconheçam como tal e sintam que são capazes de atuar na mudança social.

Essa luta também se dá através dos coletores de sementes, pois ali são momentos de encontro do presente com o passado. Ali memórias são reativadas e várias histórias contadas. O próprio ato de coleta, nos dão subsídios de como essa luta vem sendo aos poucos travadas, pois há também uma disputa de interesse em permanência no Território, o que de todo modo se vincula na luta pela memória, pela história e pela identidade dos sujeitos camponeses quilombolas.

O fato de hoje se reconhecerem e identificarem como quilombolas é uma manifestação da nossa luta em defesa da nossa memória, da nossa história e da nossa identidade. Isso, evidencia a desestruturação do preconceito imposto sobre nós e a formação conscientes de sujeitos capazes de liderarem sus processos de vida.

Então, essa luta dentro do espaço de coleta de sementes continua a medida em que há uma preocupação e uma dedicação muito séria em salvar espécies ameaçadas, em não perder de vista os nomes das espécies coletadas, em não deixar perder seus conhecimentos sobre o uso dessas plantas em diversas outras atividades. A final, a existência do nosso povo está permeada neste recheado campo de saberes e fazeres onde a lutar nunca foi atividade de lazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os coletores de sementes da comunidade Kalunga vão do Moleque seguem instruções de coleta no cerrado para não causar um impacto negativo muito grande na comunidade, além disso precisam se atentarem para não faltar sementes no meio ambiente do território, pois as árvores velhas precisam ser substituídas por outras das mesmas espécies. Esse processo era feito pela natureza, mas com os impactos das ações humanas, é notório que estamos traçando uma caminhada para a possível ausência de espécies e consequentemente a falta das sementes na natureza.

Por isso, é feita regularmente reuniões e cursos sobre como coletar com sabedoria e prudência para não fazer falta para os animais e nem para a mãe natureza continuar o seu potencial de ciclos produtivos e de vitalidade. Portanto, é de extrema importância que cada coletor faça sua parte em coletar nas áreas determinadas. Coletando juntos, cada coletor possa extrair da natureza diversas espécies de sementes, assim, facilitará na comercialização também, porque o cliente gosta de ter opções de escolhas entre as espécies a serem adquiridas. E, além disso, quando se coleta várias espécies deixa de ser monopolizado e passa a ser diversificado, passando ainda potencializar o reflorestamento de áreas degradadas com a diversidade de espécies coletadas.

Neste trabalho, nos esforçamos em apresentar a diversidade de espécies e de plantas e de sementes coletadas pela comunidade Vão do Moleque, os saberes e fazeres inerentes ao uso destas plantas e suas potencialidades na sustentabilidade da vida no Território Kalunga. Contudo, buscando mostrar a importância do processo do cultivo, preservação e conservação das espécies para a continuidade da coleta e geração de renda para nosso povo, em particular aos coletores/as.

Este trabalho, também nos aponta uma direção, onde, por meio de estudos de campo e investigação dos impactos que possam vir em caso da coleta descontrolada e desenfreada os perigos do desequilíbrio da vida e da insustentabilidade do exercício de coletar para os mais jovens. Importa-nos então promover ações de coletas que não vão impactar tanto no beneficiamento dos sujeitos, mas também na preservação e valorização da própria natureza.

Dessa maneira, o presente trabalho possibilitou a ampliação da minha percepção sobre a participação da comunidade na auto-organização do Território. Observando que a prática de coleta é, ao mesmo tempo uma ação potencializadora de benefícios, mas também de problemas que possam causar o desequilíbrio ambiental e a insustentabilidade local.

Contudo, participar da coleta de sementes na minha comunidade Vão do Moleque ou fora dela, é manter dentro de mim, vivo, o espírito de liderança que reafirma a minha

identidade kalunga, e a existência de potenciais naturais que complementam a sustentação da vida em comunidades carentes de políticas de desenvolvimento econômico e sustentável.

Por fim, esta dissertação buscou contribuir com registros escritos da presença das espécies coletadas e dos saberes e fazeres comunitários presentes na coleta de sementes do cerrado Kalunga. Uma vez que revelou que a localidade é rica em saberes e apresenta uma diversidade de plantas exploradas na coleta e outras ainda não utilizadas para este fim.

Por meio do saber, cada espécie coletada que apontamos aqui, um universo de potencialidade no seu uso, seja na coleta de sementes, na medicina, na culinária, na construção das casas tradicionais da localidade entre outras. Entretanto, o que fica aqui não é somente o apontamento e o registro destas espécies coletadas, mas a valorização da riqueza do povo Kalunga, o enfrentamento e apontamento de construção de novas narrativas para promoção de políticas públicas que de fato atenda às necessidades destas populações, seja na coleta de sementes ou em quaisquer outras atividades desenvolvidas pelos sujeitos nos espaços tradicionalmente há séculos ocupados.

Esta pesquisa revelou que a comunidade Kalunga Vão do Moleque é repleta de um vasto e rico conjunto de biológico onde o conhecimento etnobotânico dos sujeitos e estende para além das espécies das sementes coletadas. Além disto, o modo como apresenta a variedade de espécies coletadas já nos mostram o quão potente é essa comunidade em relação a diversidade de espécies. O estudo sobre a coleta de sementes nesta comunidade nos permitiram alcançar os objetivos desta investigação. Primeiro por trazer a visão da comunidade em relação aos impactos que a coleta apresenta, segundo pela necessidade de fortalecimento das políticas públicas existentes e a construção de outras e novas políticas de desenvolvimento dos povos do campo.

Para tanto, consideramos que indícios de preservação e conservação ambiental na comunidade do Vão do Moleque aparecem nas práticas de coletas e nos relatos das participantes desta pesquisa. Mas, mesmo tendo indícios destas iniciativas, o estudo nos traz preocupação por revelar ainda problemas já decorrentes dessa prática de coleta na comunidade em foco.

O fato é que mesmo a pesquisa ter revelado essa expansão cultural sobre a coleta de ementes da comunidade Vão do Moleque, ela traz para nós ainda a necessidade de aprofundarmos melhor na questão da sustentabilidade ambiental em particular sobre as espécies das sementes coletadas e nas suas áreas de coletas.

O que de fato fizemos aqui foi um prévio levantamento dessa diversidade de produção coletada pela comunidade Vão do Moleque. Estamos provocando uma guerra que

pode levar anos de muita luta, mas que ressignificará a construção de um novo modelo de vida por meio do exercício de coleta de sementes na comunidade Vão do Moleque.

A dissertação, por fim, nos direciona para reflexões acerca do respeito e inclusão das diferenças e sobre a necessidade de um fazer uma política diferente em razão do que temos sobre as perspectivas e práticas sustentáveis em territórios e povos tradicionais.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ANDRADE, Marina Marconi Lakotos de; Eva Maria. Metodologia Científica. 4ª Edição, São Paulo: Editora Atlas S.A, 2004.
- ASEVEDO SOARES, Aldo. O direito de Existir: Questões Antropológicas e Jurídicas Sobre Remanescentes de Quilombo.1. Ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares,1995.
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. Kalunga: povo da terra. 1. Ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org). Professor pesquisador. 1ª ed. Parábola editorial, São Paulo, 2008.
- COUTO, Hildo Honório do. Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.
- CUNHA, Adão Fernandes da. Sustentabilidade Ambiental na Comunidade Kalunga Vão de Almas: uma pesquisa na perspectiva ecolinguística. Brasília, 2015.
- CUNHA, Valdir Fernandes da. Soberania e segurança alimentar na perspectiva dos jovens Kalunga da Comunidade Vão de Almas. Diniz. -- Brasília-DF, 2018.
- CRESWELL, Jon W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução; Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva.- 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- HERNÁNDEZ, Carmen Osorio. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras. In: Gênero e geração em contextos rurais / Parry Scott, Rosineide Cordeiro e Marilda Menezes organizadores. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.
- NASCIMENTO, Marcia Jucilene do. Por uma Pedagogia Crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de conceição das crioulas/PE. Brasília/DF, maio de 2017.
- NUNES, Elizon Dias. O Uso do Geoprocessamento na Gestão do Sítio Histórico e Patrimônio Histórico e Cultural Kalunga. Cavalcante, janeiro de 2020.
- SANTA BRÍGIDA, Luana. O design na articulação entre conhecimentos tradicionais e científico: coleta de sementes nativas no Vão do Moleque, território quilombola Kalunga. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Design). Universidade de Brasília, 2020.
- SANTOS, Nilca Fernandes dos. Romaria de São Gonçalo: Festa e tradição na comunidade Vão do Moleque, Cavalcante/GO. Monografia de Graduação. Faculdade de Planaltina/UnB. 2013.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. Metodologia do Trabalho Científico/ Antônio Joaquim Severino. – 23. Ed. Ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Givânia Maria da. Educação como Processo de Luta Política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de conceição das crioulas. Brasília, 2012.